

FLÁVIA SCHILLING

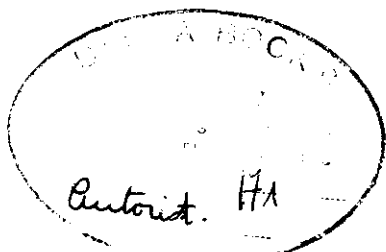


Editora
COOJORNAL



Querida
família:

Querida
familia:



SELEÇÃO DAS CARTAS: Paulo Schilling
TRADUÇÃO: Carlos Aveline
CAPA: Sérgio Batsow
DIAGRAMAÇÃO: Jorge Gallina
MONTAGEM: Gustavo Machado

COPIRRATE: Coojornal
Printed in Brazil
Impresso no Brasil
ANO 1978

Editora
cooJORNAL[®]

Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS

004727

Estas Cartas

Evidentemente, Flávia Schilling não pretendeu fazer literatura com as cartas que são publicadas neste volume. Durante muito tempo, estas palavras escritas foram sua principal e quase única conexão com o mundo externo. As visitas foram poucas e curtas nos seis anos que já se passaram desde que foi presa. Suas cartas revelam, no entanto, a força e a sensibilidade de uma moça de 19 anos que viveu por longos anos, lado a lado — certamente numa mesma cela — com a destruição e a morte. Muitos viveram e vivem isso todos os dias. Poucos, porém, conseguem manter os olhos abertos e perceber todo o significado do que está acontecendo.

Na prisão, os cabelos de Flávia caem, seus dentes apodrecem, quase não consegue caminhar e sofre bloqueios de memória. Mas sua percepção de tudo isso é límpida, imperturbável. Ela não procurou anestesiá-la diante da dor.

A correspondência de Flávia com sua família teve que ser feita em espanhol para facilitar a censura dos carcereiros. A presente tradução mantém — no possível — o sabor íntimo e pessoal destas cartas, onde não faltaram expressões da gíria uruguaia. Todas as palavras abreviadas aparecem aqui por extenso.

Carlos Aveline

Esperança e Lucidez

À distância, pareceria tratar-se de uma fazenda: um vasto e ermo descampado no qual o vento corre solto; a sede do estabelecimento, representada por uma construção maior, ladeada de duas construções menores; a cerca de arame farpado, para impedir a fuga do gado.

Poucos minutos de carro, no entanto, permitem ver que não se trata de uma fazenda. De súbito, no caminho de terra batida, surge uma guarita. Soldados de metralhadora detêm o carro, examinam nossos documentos e fazem uma consulta pelo telefone. Descemos do carro e seguimos a pé durante uns bons quinze minutos, até esbarrar em outra guarita. Um sargento de revólver à cintura recolhe nossos documentos e se afasta em direção à construção maior, numa caminhada que levará uns vinte minutos.

Aguarda-se a resposta ao ar livre. O frio é duro, sopra um vento forte e cai uma chuva fininha. Podemos então observar que soldados fazem ronda ao longo da cerca de arame farpado, armados de metralhadoras e conduzindo cães pastores. À margem do caminho que leva à construção maior, divisam-se vultos que fazem movimentos rítmicos. Quando o sargento regressa e o acompanhamos, podemos ver que os vultos são de mulheres entregues ao trabalho numa lavoura. Envergam macacão de brim, cor azul esmaecido. Trabalham sob a vigilância de soldados de metralhadora e cães pastores. Ao chegar à construção maior, vemos que as duas construções menores são torres, do alto das quais soldados vigiam tudo à volta.

Penetramos assim, no presídio de Punta Rieles, a 14 quilômetros de Montevideu. Em outros tempos, foi um convento. Hoje é um presídio para presas políticas. No sombrio interior, o mesmo aspecto militar: soldados (homens e mulheres); tenentes, capitães, majores, um coronel como comandante. As quinhentas moças encerradas em Punta Rieles configuram uma ameaça à segurança nacional do Uruguai. Por isso, incumbiu-se o exército de custodiá-las. Aquilo que olhado à distância poderia passar por uma fazenda, é na realidade, um campo de concentração que nada fica a dever ao modelo original inventado pelos nazistas.



A idade das quinhentas e poucas moças oscila entre os 20 e os 35 anos. Cerca de 60% são ex-estudantes universitárias; as restantes, profissionais

liberais — advogadas, médicas, economistas, jornalistas. Estão condenadas a penas duríssimas, entre 10 e 30 anos, acrescidas de medidas de segurança.

Punta Rieles integra um sistema de presídios espalhados pelo território uruguaio, todos custodiados pelo exército. Não há cifras oficiais sobre o número total de presos políticos — isso é classificado como segredo militar. No entanto, à base de informações de ex-presos e políticos uruguaiois — nenhuma organização internacional recebeu até agora permissão para efetuar uma verificação *in loco* — pode-se estimar em cerca de 7.500. Isso daria no Brasil, proporcionalmente à população, cerca de 300.000 presos políticos.

O baixo índice de natalidade fez do Uruguai desde o princípio do século um país de velhos. Ainda nos tempos de prosperidade, antes do negro período de pobreza e opressão iniciado em 1972, impressionava o visitante brasileiro o aspecto “velho” da população uruguaia. Pois bem, este aspecto se acentuou ainda mais. Para fugir à repressão política, cerca de 25.000 jovens deixaram o Uruguai. O número de pessoas que emigraram, para fugir à miséria e ao desemprego, anda por cerca de 350.000. Isso, num país cuja população regulava, no início da década, por 2.700.000 habitantes.

Sobre a juventude uruguaia recai, portanto, o peso maior da crise sem precedentes que assola a antiga Suíça sul-americana.

No início da década passada, esta juventude percebeu os sintomas inequívocos da crise e se lançou à luta política. Lutou primeiramente nas fileiras dos dois partidos tradicionais, o Blanco e o Colorado, que se revezavam no poder. Não tardou a compreender que estas duas formações partidárias, representativas da classe dirigente, não se mostravam capazes de resolver a crise. Ao mesmo tempo, a esquerda tradicional parecia paralisada por idêntica impotência. Então a juventude uruguaia — incluídos nesse termo todos os que sonhavam um futuro melhor — buscou seus próprios caminhos de luta.

Caminhos pacíficos. Se havia violência, era apenas verbal, na denúncia dos erros, das traições e dos crimes dos políticos da oligarquia, que insensíveis deixavam o país naufragar. A esta luta pacífica os interesses oligárquicos, pressionados, por sua vez, por interesses forâneos, responderam com a violência física — prisões, torturas, assassinatos. Nem por isso esta juventude perdeu a calma que é apanágio dos revolucionários mais autênticos. Foi preciso que a escalada da violência e do terror assumisse contornos inauditos para que reagisse numa atitude de legítima defesa. De resto, uma reação extremamente moderada em que a desigualdade de forças fazia da luta da juventude uruguaia uma batalha perdida. O que conferia, essencialmente, a tal luta, a marca do heroísmo.

— • —

Na prisão e no exílio, esta juventude não perdeu a esperança e a lucidez. Prova disso é a brasileira Flávia Schilling, autora das cartas que se seguem.

O vendaval político que sacudiu o Brasil em 31 de março de 1964, obrigou o pai de Flávia, o político, economista e jornalista Paulo Schilling, a buscar asilo no então democrático Uruguai. Junto com a mãe e três irmãs, Flávia seguiu-o no exílio. Contava então dez anos de idade.

No exílio cresceu, estudou e se tornou jovem. Não seria decerto jovem e não seria brasileira se permanecesse indiferente ao drama do país em que comia o seu pão. Enquanto toda a geração a que pertencia se lançava à luta, não podia se deixar encerrada no seu casulo individual. A causa da liberdade não tem pátria e Flávia fez como Tom Paine na Revolução Francesa, Lafayette na Revolução Americana, Bolívar nas Guerras da Independência, Garibaldi na Guerra dos Farrapos.

Generosamente, combateu pela liberdade, lado a lado com seus irmãos uruguaíais. Não praticou nenhuma violência, nenhum crime. Deve constituir motivo de orgulho para todos os brasileiros.

A julgar pela amplitude e pela generosidade do movimento que em sua pátria se desdobrou para libertá-la, não há dúvida de que existe esse orgulho. Pessoalmente, como advogado e como brasileiro, sinto-me orgulhoso de haver lutado pela sua libertação.

Décio Freitas

Flávia Schilling, por seu pai

Flávia nasceu em Santa Cruz do Sul, RS, em 26 de abril de 1953. Viveu seus primeiros anos em Encruzilhada do Sul, freqüentando o jardim de infância do Colégio Cristo Rei. Posteriormente, quando a família se mudou para Porto Alegre, cursou o primário no Colégio Americano. Morou um curto período no Rio de Janeiro, iniciando o ginásio no Colégio Orlando Rojas.

Quando seu pai procurou asilo no Uruguai — como conseqüência do movimento de 31 de março de 1964 — Flávia viveu, juntamente com sua mãe, Ingeborg Maria Wesp Schilling, e suas irmãs Cláudia, Valéria e Andréa, o drama da separação de sua pátria. Aos 11 anos, ela já comprovaria o que afirmava Erich Maria Remarque: “É preciso ter um coração forte para viver sem raízes”.

Em Montevideú, Flávia cursou o ginásio (Liceo Joaquim Suárez) e o preparatório (Instituto Alfredo Vasquez Azevedo), revelando-se uma aluna brilhante e demonstrando capacidade de liderança: no preparatório, apesar de ser a mais moça da aula, com 15 anos, e estrangeira, foi eleita por seus colegas como representante da turma.

O Uruguai vivia, então, um processo de intensa agitação política. Agonizava o Estado Batllista, iniciado em 1904 e que durante meio século constituiu a mais avançada experiência político-social da América Latina. Na década de 60, já totalmente esgotada a capacidade criadora do *batllismo*, o Uruguai vivia a inevitável crise dos estados populistas. O bem-estar para a maioria e o relativo equilíbrio social — características das primeiras etapas da revolução — já não eram possíveis.

A estagnação econômica — resultado da incapacidade das classes dirigentes de promover novas transformações — já não permitia proporcionar uma fatia satisfatória do bolo nacional a cada um, apesar do espontâneo controle da natalidade que havia transformado o Uruguai num país de velhos. Os partidos políticos tradicionais — Colorado e Blanco — que constituíam o melhor exemplo de bipartidarismo da América Latina, já haviam esgotado seus programas. A corrupção minava os próprios alicerces da nação. O Estado Paternalista caía, podre, aos pedaços.

A juventude uruguaia, produto do melhor e mais avançado sistema educacional do continente, compreendeu que vivia numa sociedade caduca, num país sem futuro. E decidiu transformá-lo radicalmente, criar um Uruguai novo. Utilizando métodos possivelmente equivocados, cometendo

inúmeros erros, mas pondo na tarefa todo o seu idealismo, seu entusiasmo, sua capacidade de sacrifício, arriscando sua liberdade e, em muitos casos, a própria vida, os jovens orientais dos anos 60 trataram de restabelecer (obviamente em outras bases) aquilo que as gerações anteriores haviam liquidado com seu egoísmo, com seus abusos, sua incapacidade e seu desperdício: um estado funcional que fosse socialmente justo.

Flávia foi somente mais um — entre dezenas de milhares de outros desses jovens idealistas. Um grão de areia brasileira na construção de um Uruguai melhor e na formação da Pátria Grande dos latino-americanos.

No Instituto Alfredo Vasquez Azevedo integrou-se à F.E.R. — Federação dos Estudantes Revolucionários, de orientação Tupamara. Aos 18 anos ingressava na Faculdade de Medicina da Universidade de Montevidéu. Abandonou os estudos poucos meses depois para dedicar-se inteiramente à militância política, integrando-se ao Movimento de Libertação Nacional (M. L. N.). Quando, em abril de 1972, se verificou o colapso quase total da organização guerrilheira (prisão de quase toda sua direção e perda da maior parte da sua infra-estrutura logística e militar), Flávia teve que passar à clandestinidade, em condições tremendamente duras, porque a repressão chegava ao paroxismo.

Já não se realizavam ações armadas; a simples sobrevivência constituía um milagre cotidiano. A tortura, que imperava absoluta nos quartéis, eliminava a possibilidade de qualquer capitulação.

24 de Novembro de 1972, 21h45min, Avenida 8 de Octubre:

Flávia e seu companheiro, que tinham sido seguidos durante boa parte da tarde por dois oficiais do exército à paisana, foram detidos em plena rua e postos contra um muro com os braços levantados. Enquanto um dos militares foi buscar reforços, o outro os ameaçava com uma P 38. No caso de Flávia, a consciência revolucionária ou, simplesmente, o terror à tortura que sabia inevitável, atuou. Virando-se bruscamente, atirou a bolsa com as roupas que levava no rosto do oficial e correu. Já havia vencido os primeiros 20 metros quando uma segunda bala a alcançou no pescoço; um ferimento praticamente mortal.

Levada ao Hospital Militar, onde chegou a um passo da morte clínica, foi atendida por uma equipe de médicos que revelou um alto índice de capacidade profissional e espírito humanitário invulgar. A bala, que havia atravessado a faringe, laringe e a epiglote, foi extraída. A operação, que exigiu uma traqueotomia, transfusão de sangue em dose maciça e cinco horas de trabalho dos médicos, teve resultado positivo: Flávia viveria.

Quando, posteriormente, transmitimos por intermédio do diretor do hospital os nossos agradecimentos à equipe de cirurgiões, falamos em “milagre da Medicina”. Mas o veterano médico nos corrigiu: “No, fué un milagro de la juventud. La chica tenía unas ganas enormes de vivir y venció la muerte”.

Somente quatro dias mais tarde, graças a “amigos desconhecidos” (que sempre surgem nas horas mais trágicas), os quais tiveram que arriscar sua própria liberdade para quebrar o “segredo militar”, foi que a família soube do ocorrido. Porém, para não comprometer os informantes, teve que esperar

em silêncio e sem fazer nada durante alguns dias, até que saísse o comunicado oficial (com uma versão totalmente mentirosa do episódio).

Tivemos então uma primeira prova — depois acumularíamos dezenas mais — da dureza do regime militar uruguaio. Durante as cinco semanas em que esteve internada, não nos permitiram visitar Flávia no hospital. Nem sua mãe, nem as irmãs menores puderam vê-la, dar-lhe um beijo naquele episódio de luta contra a morte. Somente dois meses e meio mais tarde — depois de superada a dura etapa dos interrogatórios, quando já estava em Punta Rieles — foi permitida a primeira visita de 15 minutos.

O resto da história é contado pela própria Flávia. As cartas publicadas aqui (escritas no Hospital Militar, no quartel onde foi interrogada, na prisão de Punta Rieles e em vários quartéis onde foi posteriormente mantida in-comunicável, em calabouços, como refém) apesar de terem passado pelo crivo da censura dos quartéis, têm, no nosso suspeito entender, um valor considerável.

Flávia conseguiu mandar-nos a todos (à sua família, a seus companheiros, a seus concidadãos do Brasil, Uruguai e da Pátria Grande) uma série excepcional de mensagens de amor, de coragem, de esperança e de fé no futuro da humanidade.

Em nome de toda a família dedicamos este livrinho a todos os que de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, anônima ou ostensivamente, estão colaborando na campanha em favor da libertação de Flávia. É possível que ela — graças ao esforço de todos — possa recuperar em breve a liberdade, sua condição humana plena e o privilégio de viver no nosso Brasil.

Buenos Aires, 24 de novembro de 1978 (a seis anos da prisão de Flávia).

Paulo R. Schilling

P.S. — As notas explicativas acrescentadas às cartas são de minha autoria e inteira responsabilidade.

Parte 1 — Hospital

Querida família:

Espero que recebam esta carta, que já sei que vai sair com uma letra horrível, e espero que possam entendê-la. Tenho muita saudade, morro de vontade de vê-los; se possível, mandem fotos. Imagino que as gurias⁽¹⁾ estão grandes e mando beijos especiais para elas. Espero que tenham ido bem nas aulas e que Valéria tenha muita sorte no exame de admissão. Façam muita praia por mim. Eu, nisso, fiquei frustrada: tinha intenções de me transformar em morena.

Por mim não se preocupem, tive muita sorte, a ferida não foi muito grave e estou melhorando. Nos primeiros dias, quem olhasse para mim morreria de riso: cheia de tubinhos por todos os lados. O soro pela perna, a respiração pelo carinho da traqueotomia, e tomando líquidos por um tubinho que tenho desde o nariz até o estômago. Agora já fecharam a traqueotomia e continuo apenas com os outros dois. O mais chato é que há dezesseis dias estou à base de líquidos (tenho a faringe ferida) e estou tão fraca que não me agüento. Imaginem: caminho da cama ao banheiro e quando me deito é como se tivesse estado fazendo ginástica uma hora sem parar.

Só depois de 20 dias vou comer alguma coisa pela boca. Vocês não imaginam que sofrimento é para mim a hora da comida dos outros: uma vontade de comer! Aqui me tratam muito bem, os médicos me atenderam genial. Depois que começar a comer pela boca ainda demorarei uns dez dias. Vou pedir que me consigam um monte de coisas que preciso, e vocês têm todo o dia de terça para trazer pacotes ao hospital. O chato aqui é que não se tem nada que fazer, e os dias ficam muito compridos. Não pensem que me queixo. Muita gente está pior do que eu. Agora vou me dedicar à confecção de bonecos de lã, a bordar, etc. Já fiz algumas coisas. Quando perceber que as cartas estão chegando a vocês, começo a mandar. Agora ainda não me sinto com muita vontade de trabalhar. Durmo muito. Algum dia vou-lhes contar bem como aconteceu tudo. Foi uma aventura.

Estava tão forte quando me feriram que não fiquei inconsciente em nenhum momento, até que me anestesiaram. E a gente pensa coisas tão estranhas. Em todo caso, agora sou uma magra cadavérica. Emagreci muito. Sou uma tábua e minhas pernas parecem as de Glady. Da minha cara, a única coisa que se vê (como podem imaginar) é o nariz. Desapareceram inclusive as bochechas. Bom, mando a lista do que preciso mais: lã (de várias cores, algum novelo inteiro e pedaços), algum trabalho para bordar com agulha e linha. Linha de coser e agulha. Um cortador de unhas. Papel higiênico. Sabonete, pasta de dentes, talco, pente e escova de cabelo, grampos para o cabelo, um lenço de cabeça, um par de meias até o joelho, uma calça para verão (mas de tecido forte, que seja cômodo, se possível para usar com cinta porque pode ficar grande), uma camisa, alguma blusa, e um casaco de lã. Tamanho bem pequeno. Se possível sapatos tipo mocassim, baixos, porque os que tenho estão supervalhos. Chinelos. Dois soutiens, duas calcinhas. Com a roupa não há pressa, porque só vou precisar dela quando sair daqui. Quando fui presa, a roupa que levava foi cortada, para sair mais rápido. Tenho aqui uma calça Lee e uma cinta. Nada mais. Como tinha ido à praia no dia em que me prenderam, não tenho nada de roupa interior. Só tenho o que me deixaram as companheiras daqui. Não mandem nenhuma das camisas que tinha porque ficam incômodas. Alguma que não se precise passar a ferro. O comprimento da calça para mim é o mesmo que para Cláudia⁽²⁾.

Além disso, preciso de xampu, e se puderem, um vidro de “wonder-tex”, porque meu cabelo está na miséria. Tinha feito mechas (andava com uma pinta!), mas aqui me lavaram o cabelo com água oxigenada para tirar as gotas de sangue coagulado e ficou todo queimado.

Vamos ver se não são preguiçosos e escrevem todos. Do meu Rubén⁽³⁾ não tenho notícias e sinto muita saudade. É uma pena que não o tenham conhecido. Bom, espero que recebam esta carta e não se preocupem por mim. Uma blusa que podem mandar é a azul e branca que tinha. Espero que não fiquem brabos demais comigo, pelas loucuras que faço, e o que quero principalmente é não criar problemas. Na verdade, vocês tinham razão quando diziam que não me metesse em problemas que sempre se termina mal.

Bom, muitos beijos e abraços para todos e lembrem-se que estou bem, e não se incomodem demais pelo que aconteceu, tá? Tchau!!!

Flávia.

P.S.: Mando uma rosa feita de miolo de pão. Não pensem que foi feita por mim; eu ainda sou muito desajeitada para estas coisas.

(1) *Referência às irmãs menores, Valéria e Andréa.*

(2) *Referência à irmã mais velha.*

(3) *Referência a seu companheiro. Em geral chama-o de Magro.*

HOSPITAL, DOMINGO, 17 DE DEZEMBRO DE 1972

Querida família:

Não imaginam como me alegrou e me deu forças a carta que recebi. Estou fazendo o impossível para me comportar bem, como é preciso saber se comportar nas circunstâncias em que estou vivendo. Confesso que me sinto fortíssima espiritualmente e trato de me situar diante de tudo. Recebi a encomenda quarta-feira, que aqui é chamada “o dia do choro”, porque todas as mulheres se derretem quando recebem carta. Eu prefiro guardar minhas lágrimas para as ocasiões tristes, e não para estas. Bem, meu estado de saúde é o seguinte: estou pesando (caiam duros! 45 quilos. Perdi nove quilos em 22 dias. Já tiraram todos os tubos e sondas e comecei a tomar líquidos pela boca.

Meu apelido é “empório da tosse”, pela quantidade de tosse que tenho quando engulo algo. O maior susto foi quando me tiraram o tubinho que tinha na perna. Eu estava convencida de que era pequenininho, mas quando começaram a puxar ia até o coração. Não sei quantos dias fico ainda aqui; estou começando a caminhar, mas me canso muito. Infelizmente tive que estrear o talco bonito que me mandaram para aliviar a coceira de uma alergia que me encheu o corpo com manchas vermelhas. Agora, por sorte, já estou melhor: amanhã vem o otorrino para me ver. Estou falando um pouco mais claro, e pode ser que a voz fique um pouco mais baixa (e essa!), segundo o cirurgião, mas a verdade é que não estou entendendo nada. Teria que ver o dicionário. A bala destroçou a epiglote. Que é isso? Não tenho a menor idéia⁽⁴⁾. Morro de vontade de estar com vocês e contar um montão de coisas, mas claro, é preciso esperar... Sabem uma coisa? Começo a gostar muito dos dias de chuva. Me analisei (!!!); deve ser porque aí a gente tem uma desculpa e se sente feliz por estar debaixo de um teto, sem se molhar. Que coisas a gen-

te pensa quando está em cana! Eu, agora que ando sem vontade de fazer trabalhos manuais, tenho divagado tanto que vocês não imaginam.

Já pensei até o que vou fazer quando estiver solta. (Fui bem longe, hein?). Lembro como eu e o Magro ríamos das histórias do cavaleiro Clidenor⁽⁵⁾ e seus nove filhos. Já pensaram? Uma novidade importante é que depois de 22 dias, lavei a cabeça e fiquei bonita. Vocês precisavam ver! Gostei muito de tudo o que me mandaram, mas não mandem coisas tão bonitas e boas porque sabem como sou durona, não? Sou capaz de guardá-las "para depois"... Como não sei se quarta-feira vou estar aqui, não peço nada. O mais provável é que esteja, mas nunca se sabe. Do Magro não sei nada, ainda. Barbaridade! Outro dia me dei conta de que o Natal é na semana que vem, e que vai ser a primeira vez que passo longe de vocês. Só quero que não se amargurem nem se preocupem por mim, e que se divirtam. Posso não estar fisicamente com vocês, mas vou estar com o coração. Mando um boneco que fiz algum tempo atrás. Achei ele muito parecido com José Martí, e ficou sendo seu nome. O ramo de flores foi feito por uma companheira daqui. Espero que gostem. O boneco é para pendurar em qualquer lugar. Agora está pendurado no encosto da minha cama, junto com outras quinquilharias que alegam um pouco a sala. Quando estava com o tubo do soro, eu punha muitos enfeites nele, e os médicos brincavam comigo. Deve ser porque agora mais do que nunca gosto das coisas bonitas. Vamos ver se na noite de Natal (já imaginei toda ela!) comem um bom churrasco, tomam cidra e comem coisas gostosas por mim. Vão passar o Natal na casa de Cláudia e Jorge?⁽⁶⁾ Beijos e abraços para eles. Apesar das nossas brigas, aquilo tudo não tinha importância e os considero grandes companheiros meus e gosto muitíssimo deles.

Pai, nunca diga "tu és a mais... da família", porque isso não é verdade; primeiro, porque às vezes me cago de medo e, segundo, porque todos vocês são exemplos de coragem, cada um na sua função. Em outra carta que não receberam eu contava como o Magro brincava comigo pelo meu apego a vocês e, apesar de nunca ter demonstrado, isto é muito real. E não pensem que o descobri agora, sempre soube disso. O que acontece é que jamais lhes diria cara a cara, e não tem sentido escrever cartas vivendo juntos, não? Preconceitos ou deformações, como diria o meu Magro, e aliás a força que eu tenho é retirada de vocês, esta é a verdade. Sabem o que me alega muito? É que me sinto muito tranqüila. Vou tentar continuar assim. Na outra carta esqueci de dizer que me enviem o novo endereço; sempre é bom saber. Uma coisa que não entendo e gostaria que verificassem é o assunto dos advogados. É preciso nomear dois, mas não conheço nenhum.

Outro dia pensava: quando encontrar Valéria e Andréa não vou saber nem como falar com elas! Vou dizer um monte de besteiras, porque vou pensar que são crianças e já serão mulheres. Não vou perdoar nunca se não me escreverem, ouviram? Lembro do que disse o companheiro de colégio da Valéria e peço que vocês não o esqueçam, porque foram palavras muito bonitas, que é preciso levar à prática. Eu, aqui dentro, agüentando firme, e vocês aí fora. Imagino que houve uns dias radiantes de praia, não? Nós aqui passamos muito calor, porque só há um tipo de pijama regulamentar e é de flanela. Bate sol todo o dia na sala. Dormimos muito cedo (nove da noite), com as janelas abertas, e acordamos às vezes às seis da manhã. O único problema que tenho aqui é a comida, mas amanhã falo com a nutricionista e espero resolvê-lo. Amanhã, a dentista vai cuidar daquele famoso dente que inchava de vez em quando. Pode ser que já tenha um quisto formado. Vai ter

que cortar a gengiva com um bisturi. Vamos ver o que acontece. Bom, beijos e abraços para todos, feliz Natal e (se não puder escrever mais) feliz Ano Novo. Minhas festas não vão ser felizes, mas não vão ser pessimistas. Tchau!
Flávia.

P.S.: Mandem folhas e envelopes para escrever. tá?

(4) *Válvula que obstrui a glote no momento da deglutição. A glote é a abertura da laringe, rodeada pelas cordas vocais. (N.T.)*

(5) *Referência ao ex-deputado Clidenor Freitas, também asilado, grande amigo da família.*

(6) *Referência ao cunhado, Jorge Sancho.*

HOSPITAL, 24 DE DEZEMBRO

Meus queridos (como dizia a avó):

Escrevo neste papel, não por desprezar o que me mandaram, mas porque é 5 centímetros mais comprido e 1 centímetro mais largo. A quantidade de palavras que ganho! Já devem ter percebido que, apesar dos pesares, hoje me sinto contente e alegre! Apesar da vontade que tenho de comer pão doce, etc. O estômago se retorce. Bem, notícias da saúde: estou comendo purezinhos, sopinhas passadas no liquidificador, cremes... Ainda não coordeno bem na mastigação, mas como ando esfomeada, acabei engolindo alguma bolacha, com as devidas mordidas na língua, que continua tão desajeitada como a dona. Com a ajuda de um que outro dedo, tudo correu bem. Continuo magra como antes e acho que com pouca perspectiva de me recuperar rápido. Minha cara está vermelha, de novo. Mas vou ficar afônica (ando com uma voz toda sexy) por muito tempo. Também perdi a sensibilidade numa orelha (mas vou recuperar) e já estou com as feridas do pescoço descobertas. Fecharam muito bem. Ainda tusso muito quando como, mas o otorrino disse que as feridas internas estavam muito melhor. Quer dizer, me recupero, como não podia deixar de ser. Já tomo banho e tudo. Estou ofendidíssima porque papai não me escreveu. **Não vale!**⁽⁷⁾. E contentíssima com a carta de todos os outros. Todos aqui entusiasmados com a foto, que naturalmente está na minha mesa de cabeceira, apoiada no papel higiênico.

Dizem que sou igual à Andréa (sem querer ofender a Andréa), imagino que por ser magra. Os pedaços de lã foram oportuniíssimos! Já fiz três guardanapos (que precisava!), todos bordados com lã, e pretendo fazer muitas coisas mais. Por enquanto não peço nada para fazer. Neste momento me dediquei à confecção de roupa de bebê para a companheira que está grávida: se nascesse agora, o guri não teria *nenhuma* roupa. Se vocês conseguirem algo com a Olga, mandem: mas terça-feira mesmo, tá? Mando também de volta: a calça comprida para diminuir, o sapato para trocar por um menor (o meu pé também diminuiu), a blusa, porque preciso uma **muito** discreta e quanto **mais** fechada melhor, porque sabem como são as coisas quando a gente está na prisão. O que continuo precisando e peço de novo é: uma camisa e um casaco de lã e, se possível, aquele pulôver de lã que é abrigado e fechado. Vai também o glorioso e histórico biquíni que levava quando caí presa, e que aqui

não pretendo usar. Não mandem mais camisolas porque o regulamento só permite pijamas. Fico com o que Cláudia fez, que por ser tão bonito vou usar como blusa, e com o robe, para qualquer eventualidade. Mandem de vez em quando sabão, desodorante e papel higiênico, que é o que mais se gasta. Se puderem, mandem o que falta já nesta terça-feira, pelas dúvidas. Acho que também vou precisar de um copo de plástico. Bom, mas chega já de coisas materiais.

Valéria! De salto alto!!! Se te agarro te mato. 7,5 cm!!! Mas esta minha irmã tá ficando vaidosa, hein? Aqui todos a acharam muito bonita mas ela já deve saber muito bem que a beleza verdadeira é preciso levá-la por dentro e demonstrá-la nas atitudes diante dos outros e isto é o **único** que importa. Por exemplo: o meu Magro, ria quando eu dizia que a mãe era a mais bonita de todas, mas isto não é mentira, porque mamãe mostra sua beleza em cada atitude valente que tem, em cada sorriso de apoio, em cada esforço para não chorar e transmitir força aos filhos, não acham? E o papai igual, apesar da pança (ah! ah!) . E à irmã menor mando um milhão de beijos por “A Última Esperança” e “Mortadella”, os últimos filmes que me contou. Me alegro que já saiba nadar. E quero que continue sabendo cada vez mais. E que Valéria não precise fazer exame de admissão. E não se preocupe porque com a sua inteligência não vai ter problema nenhum com as aulas. Tive que interromper a carta para jantar, e depois de “umedecer” a sala toda com uma brilhante sopa de sêmola, morder a língua e me sufocar com raviólis, continua com mais ânimo que nunca. Cláudia: recebi os cumprimentos da Sílvia, e não imaginas o alegrão. Fico contente que estejas trabalhando duro no comitê. Tua carta me levantou o ânimo. Deve ter sido telepatia!

Papai, manda lembranças para a Glady, que espero que conte para vocês aquelas fofocas que ela sabe. O que eu quero é que *toooda* a família — pai, mãe, irmãs e Jorge — me tenha confiança, assim como eu tenho em vocês. A verdade, verdade, é que daqui mesmo vou continuar lutando até o fim contra as loucuras, os desânimos, os erros de conduta e deixar sempre uma semente de alegria, de confiança, de companheirismo, de dignidade e de retidão. E um exemplo e uma prova disso é esta noite de Natal cheia de foguetes que vou passar junto e da mesma maneira que muitos outros. E não vamos passar a noite de hoje “sós”, porque aqui a solidão não existe, e tampouco tristes, nem enlouquecidos, porque não vamos permitir a entrada da loucura e da tristeza nesta sala. E a piada e a música vão nos ajudar. Vamos ver o que acontece. Depois eu conto. E não pensem que estou caindo em repentismos literários. Esta divagação foi pra dizer pra vocês que não há dúvida, estou presa, mas estou bem, sabe como é? E vou continuar bem. A melhor forma de me ajudar é como até agora, Cláudia e Jorge lutando pelo seu lado, papai pelo seu, mamãe pelo seu, e as duas coelhas pelo seu lado, que eu vou continuar pelo meu. E tenho certeza de que o meu Magro está fazendo a mesma coisa pelo lado dele. Bom, deixando sentimentalismos de lado, não se esqueçam: comam muito, divirtam-se muito, etc. E não sei se já se deram conta, mas **alguma coisa** já posso comer. Não é por nada, não; mas se permitem, ainda que não o coma eu, sempre há algum esfomeado por aqui. Vejam se passam chocolates, etc., o que quiserem. Tudo é bem-vindo. E cartas! Fico furiosa com quem não cumprir, ainda que seja só com um “oi”. Lembranças para a Olga e o Pelayo. Imagino a cara deles. E a dos vizinhos da rua Carlos Berg, então!... Dever ser histórica. Não se esqueçam! Se já na terça-feira conseguirem tudo o que pedi, me deixam muito mais tranqüila; pelo menos, se recebo alta antes de quarta-feira não vou nua daqui. Beijos e abraços fortís-

simos a todos. Tenho uma vontade bárbara de estar com vocês e fofoquear bastante; gosto muito de vocês. Tchau!

Flávia.

P.S. Se possível, mandem tudo em sacos de plástico, tá?

(7) Também no Hospital Militar de Montevideu a censura era eficiente...

TERÇA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1973(8)

Papai, mamãe, Cláudia, Jorge, Valéria e irmã menor:

Oii! Recebi carta quinta-feira (não imaginam que alegria, porque não esperava), junto com o pacote e os dois livros, que já devorei. Estou muito braba com os preguiçosos da casa, papai, Valéria e Jorge, que não escrevem. Do pai então nem se fala: só recebi a primeira carta e outra curtinha⁽⁹⁾. Estás brabo comigo? Se for isso, diz, mas não deixe de escrever, ainda que seja um alô curtinho. Tá? Porque senão, fico preocupada. Estou bem, com as calças da Cláudia, e o pulôver de Papai Noel que me caiu muito bem. A verdade é que Valéria teve muito bom gosto para a cor. Continuo magra, mas já me acostumei. E continuo afônica, mas Cláudia tem razão: nunca foi minha intenção ser cantora. Estou engolindo melhor, já me mando bons churrascos sem maiores dificuldades. Mas ainda não posso tomar líquidos. Não imaginam como veio bem a roupa para o bebê. Ele ainda não havia nascido, Andréa, porque a mãe recém entrava no nono mês, mas se fosse um nenê meio apressado e tivesse vindo adiantado, estava ralado, porque nem roupa tinha. A (futura) mamãe dele ficou muito triste quando todas recebemos pacotes e cartas e ela viu que, da casa dela, não tinham nem sequer ido buscar sua carta. Chorou toda a manhã. Dizer que estava louca seria pouco⁽¹⁰⁾.

No dia seguinte, quando chegou a roupa, uma alegria enorme. Ela deve ter sentido vocês como sua família (assim, aviso-lhes que têm mais uma filha de coração). O bebê já foi batizado por unanimidade como Tomás, e seu apelido é "Patoruzito". Se for mulher está ralada, porque nem nome tem. Havia uma menina recém-nascida na sala, Micaela, flor de preguiçosa: demorou uma semana para nascer e no fim quase tiveram que fazer sair à força. Quando nasceu eu só a agarrava obrigada, porque gosto dos nenês mas tenho medo de tão pequenos e frágeis que são. Me davam ela, eu me sentava e ali ficava, petrificada, com uma cara de susto que matava todo mundo de riso. Não contei ainda como passamos as festas: o Natal no hospital foi, se não alegre, pelo menos solidário, fraternal. Eu tentei dormir a partir das 22h, mas à meia-noite me despertaram: comemos uns pedaços de pão doce e torrone que tínhamos conseguido de contrabando e fomos dormir só à uma. No Ano Novo senti muita saudade de vocês e a verdade é que estive meio triste.

Quer dizer que 72 foi "horrível" para a Andréa? Que exagerada! Imagino que este ano lhe terá deixado muitas coisas boas, lembranças bonitas e experiências positivas, como deixou para mim, não? Eu aprendi a querê-los e valorizá-los como se deve (pouca coisa, não?) e junto com o meu Magro aprendi a ser mulher... E no dia dos Reis⁽¹¹⁾, simplesmente esqueci de pôr os sapatos na porta. Que distração imperdoável! Quero ver se as meninas pequenas (que a esta altura devem estar maiores do que eu) andam muito em

bicicleta e comem muito sorvete por mim, tá? E quero saber como estão todos! Se mamãe continua magrinha (esta mãe que continua mandando coisas bonitas demais, como o pulôver, que vou guardar para as grandes ocasiões — quando os rever, por exemplo); se Valéria continuou emagrecendo; se Andréa continua magrinha: acho que sei como está Cláudia, pois todos no hospital estavam apaixonados por ela (o Jorge tem que saber umas fofocas!!!); papai que evite de engordar e que continue tão bonito como sempre. Espero vê-los em pouco tempo, e dar um abraço grande em vocês. Dentro de pouco faz um ano que não nos vemos e já não vou reconhecer pelo menos as “senhoritas” da casa. Então as duas são cozinheiras! Santo Deus! Horror! Não faz muito eu as levava todos os dias ao IPI (12), as túnicas cor-de-rosa, uma gordinha, sensível até o fim, calada, uns olhaços azuis muito pensativos, e a outra, conversadora, às vezes perversa, compradora de briga. Incrível como passa o tempo! Se não tivesse 19 anos diria: “Com que rapidez a gente vai envelhecendo” (não digo porque aos 19 o nosso vocabulário ainda não comporta a palavra velhice).

Imagino como deve ter sido difícil explicar a coisa à Teresa (13). Gostaria que me contassem como reagiu. Mando uma boneca preta para vocês, que batizei de “Macunaíma 2”. “Macunaíma 1” é um boneco também negro que fiz e ficou tão, tão horroroso que não mando para não ficar desprestigiada pelo resto da vida. Mac 2 é a abreviatura de Macunaíma 2; é feita assim porque fiz de propósito. Está descuidada nas pernas porque não tenho tesoura, tenho que cortar com corta-unhas e nunca fica muito bem. Podem recortá-la um pouco. Não imaginam que dificuldade fazer sua roupa sem tesoura. Mac 2 é para Cláudia. O ruim destas bruxas é que gastam demasiada lã (meio novelo ou um pouco mais). Se me mandam um novelo ou pedaços de lã de cores vivas, faço mais. Se puderem mandar uma tesoura, mandem, que faço alguma coisa com os restos. Recebi os livros. Mandem mais. Se Cláudia pode que mande algum clássico francês, que li pouco. Esticando bastante os livros, duram dois dias (cada um) e em francês pode durar mais. Se puderem mandem algum livro de história como “O Processo Econômico do Uruguai” (Fac. de Ciências Econômicas). Preciso: Iberol (vitaminas), complexo B; Tetraciclina; Metoso (ou qualquer antibactericida bucal), um vidro de Espadol, celestone ou qualquer antialérgico e antiasmático; frutas (maçã, banana ou qualquer outra); elástico fino para arrumar roupa; dois lençóis e uma fronha — que não sejam brancas, se possível; alguma coisa para matar mosquitos, e um colírio bom para os olhos. Não imaginam como caiu bem o leite condensado. Se conseguem mais, vamos lá! Se encontrarem alguma revista que ensine a fazer alguma coisa *fácil* (olha que sou mais-que-bruta) de trabalhos manuais, ou se vocês estão precisando de algo, mandem dizer como se faz e eu faço.

Parabéns à Andréa e à Valéria pelo resultado no colégio. A Valéria começa o ginásio? Então daqui a pouco vai estar com namorado, indo a bailes... Andréa passou para o sexto? As duas estão com a letra muito bonita e cartas lindas. Cláudia, vamos ter que aperfeiçoar a telepatia. Gostei da idéia. A única coisa que não puderam me transmitir da praia foi o bronzeado, porque continuo branca e pálida como nunca. Ótimas as notícias que mandaram da família do Jorge. Imagino que está contente. E Samuel? É uma sorte que agora têm gente boa como vizinhos... Deixo vocês por aqui com muitíssimos beijos e abraços, para todos, da “ovelha negríssima” da família — Flávia.
Tchau!
Flávia.

- (8) *Escrita no Sexto Regimento de Cavalaria, na dura fase dos interrogatórios.*
- (9) *A censura era duríssima no Sexto Regimento.*
- (10) *No original há um jogo de palavras com a expressão do lunfardo rayada: "Decir que estaba rayada era poco: ya estaba cuadriculada". (N.T.)*
- (11) *No Uruguai, a tradição dos presentes de Natal tem lugar no dia dos Reis Magos, 6 de janeiro.*
- (12) *Jardim de Infância freqüentado pelas irmãs, em Montevideú.*
- (13) *Referência à tia, Tereza Nascimento, residente em Rio Pardo, RS.*

TERÇA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1973

Não imaginam como fiquei preocupada esta semana, quando soube que não tinham vindo retirar a carta⁽¹⁴⁾. Pensei nos acidentes mais trágicos e espantosos do mundo. Espero que estejam todos bem. Eu tive *flor* de ataque de asma. Estive duas noites muito ruim. Agora estou melhor. Só tenho um pouco de fadiga respiratória quando me deito. Já li pela segunda vez os livros que me mandaram. Para passar o tempo. Na verdade, eram muito bonitos. Tive muita saudade da mãe, estes dias em que estive doente, e me lembrei de como ela sempre me acompanhava e me agüentava quando estava doente, e fazia "comidinhas especiais" e dava mimos. Outro que é asmático, mas muito pior que eu, é Rubén. Imagino os filhos nossos: já vão nascer com ataques. Bom, não escrevo mais porque não estou pensando no que escrevo, e sim na resposta de vocês, quinta-feira. Tomara que estejam todos bem e que se cuidem bastante, tá? Beijos e abraços.

Flávia.

P.S.: Acho que a caneta está terminando. Mandem 2 ou 3, de diferentes tamanhos. Mando meus sapatos, porque ficam grandes. Talvez sirvam em alguém. Tchau!

(14) *Quando a levaram do Hospital Militar, Flávia "desapareceu". Encontrá-la foi uma "via crucis". Seu novo domicílio era "segredo militar".*

TERÇA-FEIRA, 23 DE JANEIRO DE 1973

Ufa! Que alívio com a carta de vocês. Estava preocupada porque pensei desde a primeira semana que sabiam onde eu estava, já que recebia pacotes e cartas. Na verdade, pensei qualquer negócio: não podia ser que me tivessem esquecido tão rápido, nem que tivessem esquecido do dia de vir aqui; então, só cabia a possibilidade de acidentes e coisas assim... Ainda bem que tudo não passou de um "desencontro", e que a terceira carta de ambos os lados chegou a seus respectivos destinatários. Me diz Valéria em sua *cartitinha*

que mamãe esteve doente. Mamãe: toma muita vitamina e te cuida, porque não quero (ah!) ver gente doente e sofrendo entre vocês, tá bom? Te cuida sério.

Eu estou bem. Acho que engordei um pouco, porque tenho mais bochechas que antes. Devo andar pelos 46 ou 47 quilos. Mas estou bem, não sinto mais tonturas e tenho um apetite feroz. Faz quase uma semana que vivo pensando nos horários de comida. O que mandaram caiu muito bem, só o que não chegou e desapareceu misteriosamente foi o abacaxi e a rapadura, mas não importa. Por um tempo não vou necessitar de coisas de higiene, porque tenho bastante. Antes que me trouxessem para cá, as meninas tinham me dado de tudo no hospital. Não sei se contei que no hospital esteve a Rina, mulher de Jacques⁽¹⁵⁾, que foi operada de apendicite e nos ovários, e que me deixou montes de coisas, inclusive roupa de baixo e uma toalha de banho, presente de Dagoberto⁽¹⁶⁾. Eu não a conhecia, mas na primeira noite ela me identificou pela semelhança com papai. Eu também percebi em seguida que ela tinha algo de brasileira, porque quando a trouxeram da mesa de operações, ela chamava pela filha, "Márcia", nome que aqui nem se conhece. Os livros que mandaram esta última semana ainda não chegaram. Seria bom ver o que aconteceu para saber que livros podem me mandar e que livros não podem. Resultado de não ter nada que fazer, aí vão estes dois "filhos da desocupação" (e teria que acrescentar, "e do nada"), porque estes dois não são feitos de nada que tenha valor ou que habitualmente seja de importância. Vejam bem, se não gostam de todas as porcarias que lhes mando, ponham fora sem problemas, eu não me ofendo. Já imagino daqui a dois meses as duas casas (a de Cláudia e a de vocês) cheias de coisas, bichos, almofadas, bonecos, por todos os lados. Se a Ana de Mayo gostou de algum boneco de lã, faço um para o seu aniversário, bem grande e bonito. Meus novos "filhos" (criações exclusivas e originalíssimas!!!) se chamam Bonifácio (tem uma cara de bonzinho que mata) e Serafina.

Andréa, querida, eu também tenho uma "vontade incalculável" de te ver com esse sorriso de ratinha que tens. Gosto muito das tuas cartas. Quando fores ao cinema, não deixe de contar bem em detalhes o filme e a tua opinião. Sabe, infelizmente não é que não tenha que fazer a plástica⁽¹⁷⁾, é que simplesmente não a fizeram. Não é nada urgente, isso é o que acontece, mas se faz em toda ferida que seja no rosto ou no pescoço, para que o ferimento feche bem e não se ulcere. Gostaria de saber como mobiliaram o apartamento, se puseram cortinas, se tem sacada. Espero que tenham guardado pelo menos um lugarzinho pequeninho para mim, para quando for visitá-los ou volte a morar com vocês de novo, tá? E mamãe, com suas plantas? Então, a dona Valéria vai estrear no exame de admissão? Sabe, Valéria, nada mais simples do que passar num exame. O mais importante é ter confiança em si, no que se sabe, e no que não se sabe também; nunca ficar inibida nem muda. E também não ficar assustada com a cara dos professores. Eles tampouco sabem tudo e no fundo, no fundo são bons (com exceções, é lógico). Tem que ir lá e falar (ou escrever). Se sabes pouco do que perguntam, começa a falar como se soubesses muitíssimo do tema e trata, com a maior habilidade possível, de ir pela tangente para outros temas mais conhecidos. E o lema tem que ser: não ficar nervosa. Confiar na própria cabeça. O melhor, para salvar um exame, é ir sabendo, entendendo as coisas, ainda que seja só meio por cima. Não sei quando vai ser a tua estréia, mas sorte!!!

À minha irmã mais velha, o período de relax que me mencionou, te dou de presente! (Já sei que não vais aceitar, mas...). Olha que eu estou dizendo

isso de brincadeira. Tens razão em tudo o que disseste; sobre clarificar os conceitos, é isso mesmo. Daqui eu vejo muito mais claramente um monte de coisas e vejo que coisas que afirmava muito convencida como verdades, eram falsidades, ou então meras aproximações da verdade. A gente aprende um montão de coisas; novos conceitos aparecem no lugar dos velhos. Isto de passar conceitos a limpo é uma das tarefas contínuas a que me proponho. Já comecei a pôr em prática e me ajuda bastante a não me perder e não me desorientar. Estudar também é algo que surge como necessidade. Quando estiver em algum lugar definitivo, vou ver se faço um plano de estudo, porque me dei conta de que não sei nada de nada (como Sócrates). Tenho noções de tudo, mas dominar um tema, que é bom, nada! O que mais acontece à gente, e acho que às vezes isso é péssimo, é divagar. Chegou um momento em que a gente está pensando em que vestido vai pôr quando sair de novo para passear na *Rambla*⁽¹⁸⁾ ou o que vai comer no primeiro café da manhã com seus seres queridos. Isto é ruim. É preciso tentar viver no presente, tirando do dia-a-dia tudo o que possa ser tirado, e não se perder num futuro que para quase todos nós é longínquo: Mamãe, acho que vou te explorar de novo: semana que vem te mando outra vez o pulôver vermelho, porque já está muito sujo e eu aqui não posso lavar roupa muito grande. E este suéter é muito grosso, não secaria nunca. Me desculpa por te dar ainda mais trabalho do que já tens?

Peço que mandem (urgente) um abridor de latas que não exija força física (porque perdi-a em algum lugar por aí...). Uma irmã que não conta nada de como anda, o que faz, e o que pensa, é Valéria. Olha que quando fico braba sou uma fera... Escuta aqui: eu não vou à praia, não ando em bicicleta, não passeio, nem como sorvete, e escrevo tudo isso. E ainda com letra pequeninha, para entrar tudo o que tenho que dizer. Mas quando agarrar vocês para conversar, ah!, vou ficar dois dias falando sem parar e contando histórias e coisas engraçadas que acontecem na vida da gente. Vou ficar boa ligeiro da voz, para quando isso acontecer. Chamo atenção para a "beleza" da minha letra nesta carta. Não acham que estou melhorando?

Bom, agora a única novidade séria que tenho para mandar-lhes: já passei para o juiz e agora começam a estudar o caso para depois baixar a sentença. Investiguem por conta de vocês como foi a coisa, tá?

Mando meu relógio Seiko, que há vinte dias começou uma greve geral por tempo indeterminado, depois de paralisações durante quatro dias, mais ou menos. Não sei o porquê de tudo isso; não foi golpeado nem caiu no chão. Se puderem, mandem arrumar. Vale a pena porque é um relógio bom (se não sair muito caro, é lógico). Se alguma das gurias gostar mais deste grande que do seu, pode fazer a troca, se o outro também tiver calendário (e se não tiver não importa: mandem um calendário de papel e pronto, tudo solucionado). Bom, vou me despedir de vocês por esta semana. Comportem-se. Muitos beijos, e abraços, de quem se lembra sempre de vocês.
Flávia.

(15) Referência ao ex-sargento Araken Vaz Galvão, asilado em Montevidéu, grande amigo da família.

(16) Referência ao ex-coronel Dagoberto Rodrigues, idem, idem.

(17) Flávia se refere à operação complementar necessária para fazer desaparecer e curar definitivamente a traqueotomia praticada durante a operação. A cirurgia não foi feita até hoje, o que originou dores, infecções e outras moléstias sérias nos meses seguintes.

(18) Avenida Perimetral de Montevidéu, que percorre as margens do Prata.

Parte 2 — Presídio

PUNTA RIELES(19), 12 DE FEVEREIRO DE 1973

Minha querida família:

Realmente, estas visitas a conta-gotas (20) vão me levar à loucura. É como dar um prato gostoso a um faminto só para cheirar, e enlouqueço tanto e fico tão nervosa que esqueço de tudo o que tinha para dizer-lhes e da metade das coisas que me disseram. Esta vez não observei o suficiente como estava mamãe: não consigo lembrar que vestido tinha. Se dão conta que barbaridade? Além disso, *la pucha* que sou meio emocional, e a verdade é que os olhos se encheram de lágrimas quando abracei vocês. E as mulherzinhas estão lindíssimas. Andréa parece uma modelo e Valéria elengantíssima com seu lindo corpo. Fico contente de que Andréa não tenha perdido seus olhos meio pícaros e seu sorriso de ratinha e Valéria seus lindos olhos graves. Mamãe me pareceu mais moça e papai mais grandão (deve ser eu que fiquei um pouco menor). Imagino a cara que eu devia ter; toda vermelha como um tomate.

Depois da visita, quando as mulheres começaram a me interrogar sobre o que falamos, tive que fazer um esforço infernal para poder contar alguma coisa. O cartão que mando no envelope é para todos vocês, de uma companheira de cela que leu várias coisas do pai e gostou muito; isso me encantou e também gostei muito desta poesia, que foi feita por ela. Na próxima vez que nos encontrarmos, vamos "cobrar" os 15 minutos que faltaram. Alegrei-me muito com a notícia de que o Magro, que me enlouquece, já está apoiado por vocês; vocês não imaginam o que isso significa para mim (ou melhor, imaginam, não?). Quando se está preso, os gestos de solidariedade chegam muito fundo na gente. Lembro também que quando saía da unidade para ir ao tribunal (no "camelo"(21), invejem-me por andar num veículo em que vocês nem imaginaram subir nunca), a única coisa que olhava era para as paredes, e a expressão das pessoas que me viam. Menos no dia em que me levaram junto com o Magro; aí fui olhando a sua *pelada* (22) todo o tempo. É compreensível, não acham? Imagino que lhes deve ter intrigado o assunto de que conversei bastante com o oficial que me deu o balaço. Esta é uma fofoca para conversar por muito tempo sem parar, porque foi uma experiência realmente interessante. Uma relação que só se pode dar entre o captor e o capturado, ou entre o muito possível matador e uma ressuscitada graças à Medicina. O encontro não me produziu nem rejeição, nem trauma, mas sim, talvez porque o meu senso de humor e minha morbidez tiveram que se desenvolver a passos agigantados para estar ao nível de tudo o que se passou, aproveitei da melhor maneira possível o encontro. Quando o vi pela primeira vez não o reconheci, até que ele insistiu muito perguntando se eu tinha visto a cara de quem nos prendeu. Aí se juntaram as duas imagens na minha cabeça. A verdade é que até sorri, e só respondi que "era um homem muito parecido com você..." E ele também sorriu. E a coisa ficou por isso mesmo, depois conversamos muito sobre muitos temas. Bom, agora passo a notícias caseiras: continuamos trabalhando a terra, eu continuo entusiasmada com o *croché*. Hoje tive duas horas de trabalho no jardim e não imaginam o que foi isso: na primeira meia-hora a coisa não teve problemas, na segunda eu já tirava terra de joelhos, com a pá; na terceira meia hora, quase deitada e descansando cinco minutos a cada quatro pás de terra; e na quarta meia hora, absolutamente nada. Na verdade, o nosso time no jardim não é nada brilhante: Inés Topolanski, que é magríssima, e eu, que em força e resistência valho por meio. Uma coisa que não pude superar é o medo dos bichos. Hoje travei uma batalha com um cascudo e confesso que não sei quem estava mais assustado. No

quartel, aconteceu algo horrível relacionado com este tema. Um belo dia, quando vou deitar e pretendo fazer minhas necessidades, o que encontro no banheiro? Uma bonita e escorregadia rãzinha; entre o salto que eu dei quando a vi e o salto que deu a rã quando me viu, não houve muita diferença, e o pior é que eu não me animava nem sequer a matá-la, e morria de vergonha só de pensar em dizer a algum oficial que viesse matá-la; então cheguei a um acordo com a rã. Quando eu ia ao banheiro, ela se escondia atrás da caixa de água, e eu não tentava nada contra ela. E continuamos nesta "coexistência pacífica" até que numa linda noite de lua ela decidiu ir para o seu meio natural, e foi, por baixo da porta (meus aposentos eram com banheiro privado), com grande alívio da minha parte. Enquanto convivíamos, consolava-me pensando que pelo menos a rãzinha comia alguns dos mosquitos que nos invadiam ao entardecer.

Mando no pacote 3 saquinhos de crochê e uma almofada sem encher; num dos saquinhos é preciso pôr um "ziper". O de cordão é para o Jorge, mas não ficou muito bonito; como tinha pouco fio ficou muito pequeno para tabaco e meio feminino, porque ainda não sei trabalhar em couro. Se gostar, ótimo, mas quando começar a trabalhar na oficina de couro vou-lhe mandar um bem bonito. Precisamos papel higiênico; com o cacau foram geniais. Se mandarem mais lâs faço mais almofadas bem originais. Sobre o negócio de se repartir os pedidos, vai ser feito, mas ainda está desorganizado; o que vocês podem fazer é mandar uma semana coisas de higiene, na outra açúcar, sal, chá, café, etc.; na outra, "Flit", espirais contra mosquito, sabão em pó; na outra, queijo e doce. Se conseguirem uma agulha de crochê não muito fina (2, 5 ou 3), ótimo. Se querem que faça algo de crochê, mandem lâ (se não for muito difícil). Gosto de fazer trabalho manual, porque é uma forma produtiva de descarregar os nervos. Há companheiras que descarregam esta tensão fazendo trabalhos manuais com a língua, mas como não gosto de conversar, prefiro por enquanto o crochê. Eu brinco com o Magro, nas cartas, dizendo que finalmente vai ter a mulher ideal: trabalha a terra, lava a roupa e os pratos, costura, faz crochê, bichos, etc. Ah! Estão terminando o papel de cartas e os envelopes (com listas e iguais a este). Se puderem, falem com a advogada, porque acho que esta semana vai haver maiores possibilidades de conversar, e conto pra vocês tudo o que aconteceu. Ainda não me disseram como reagiu Tereza e como fizeram para explicar-lhe. Cláudia, outro dia não lembrei de mandar um grande abraço para a loira Alicia e para a Alicia pequena. Que elas digam a Margarita que, como ela não manda nem sequer lembranças, já foi esquecida e na unidade as meninas nunca perguntam por ela, como vingança; e que quem não se lembra dos outros é castigado por Deus pelo esquecimento (viram a linha religiosa que estou entrando? É capaz que vire freire e tudo). Já disse que Vilma manda lembranças? Ela vai sair em liberdade em pouco tempo, e vou pedir que vá visitá-los, porque tem grandes problemas com a família e vai se sentir muito só, e como é tão guria... Quer dizer que a Andréa vai ser arquiteta? Fez um mapa sensorial da nossa casa. E estão guardando um lugarzinho aí para quando eu visitá-los?

Vamos tocar pra diante com a melancia. Aquela senhora cuja família chegou atrasada, no primeiro sábado em que nos vimos, tinha visita com o namorado, que vinha de Buenos Aires, porque ela é divorciada; mas como depois chegou a vir, ela estava contente igual. Cheguem bem cedo sempre para a visita, assim aproveitamos bastante o tempo. O doce de melancia estava delicioso e o de manga teve grande êxito. Abraços à Neiva⁽²³⁾ e obrigado por tudo. Mando também o Disneal supositórios, porque aqui não

temos geladeira para guardá-lo. Sabem que devo ter um abscesso nos talhinhos? Estou lutando para que me levem ao hospital, para que o cirurgião me veja, mas não se assustem porque estou bem. Sabem que a cada dia fico mais apaixonada por vocês? Não imaginam como é bom se sentir apoiada pelas pessoas que se gosta. Quando eu tinha momentos de fraqueza, pensava: meu Magro e o meu pessoal confiam em mim e não posso decepcioná-los. E não é história, não. Um abraço fortíssimo, e muitos beijos.
Flávia.

Mando Seiko automático nº 842031.

Quer dizer que Quijano (24) continua sendo um corsário na contra-mão? De parte de todas, obrigado pela forma como ajuda a Bocha. Tchau!

(19) *Estabelecimento carcerário feminino, situado nos arredores de Montevideú.*

(20) *Referência à primeira visita familiar, conseguida somente dois meses e meio depois de sua prisão. No Hospital Militar (onde esteve durante um mês, inicialmente a um passo da morte) nem no Sexto Regimento havia sido possível um contato direto. A primeira visita foi de somente 15 minutos.*

(21) *Designação popular a um dos tipos de veículos utilizados pelas Forças Conjuntas do Uruguai.*

(22) *Cabeça raspada*

(23) *Referência ao ex-deputado Neiva Moreira, grande amigo da família, também exilado no Uruguai.*

(24) *Referência a Carlos Quijano, diretor do semanário "Marcha". (N.T.: o símbolo da publicação era uma caravela com a inscrição latina "Navegare necesse, vivere no necesse").*

PUNTA RIELES, 19 DE FEVEREIRO DE 1973

Minha querida família:

Dentro de uns dias completo três meses de cana. É incrível tudo o que aconteceu, tudo o que vivi, e como a minha vida mudou em tão pouco tempo. Comparando com o ritmo de vida das pessoas comuns, já devo andar pelos 50 anos pelo menos. Um exemplo de como se vive rápido é a Lucía Topolanski; está com o cabelo grisalho aos 28. Mas no ânimo é ao contrário; as companheiras que têm mais de 40 anos têm uma alegria e um dinamismo de 20. Na penitenciária a tarefa constante nossa era dar um objetivo a nossa existência, para não nos amargurarmos, porque se não a gente começa a pensar na nossa juventude que está sendo desperdiçada, na vida com nossos companheiros que se frustra, nos anos que teremos que passar nesta rotina medíocre, e se termina enlouquecendo. Então a gente se proíbe e leva sempre a um plano objetivo estes pensamentos, e justamente esta é outra das tarefas. E é incrível o trabalho que dá. Existe muita gente (principalmente os "leves") que só pensa em sair, e os problemas de todo tipo que aparecem, desde moral até existencial, passando pelos psíquicos, não são muito numerosos mas existem. Existem e enchem a paciência. Ontem, por um mês, começou uma experiência que consiste em misturar gente mais "pesada" nos setores mais proble-

matizados para ver o que acontece. Eu também entrei na mudança e se não enlouquecemos todas, vamos tirar alguma coisa a limpo, e isto aqui vai ser muito parecido a "Libertad"(25). Vão reagrupar as "perigosas" (que em todo o país não chegam a 30) e ficarão no edifício um total de 100; as outras e todas as que vêm do interior irão para barracões. Usaremos uniformes (desenhados por nós) e vão cortar o nosso cabelo sempre da mesma forma. Algumas mulheres, que aqui vivem para o enfeite e a vaidade, já começaram a bater com o pé no chão, mas isso do uniforme é realmente muito bom; gastamos menos em roupa, e vão nos dar mais terra, quase um quilômetro, e vamos plantar batatas, vamos ter vaquinhas e porcos. O critério é estar preso mas com a maior liberdade possível. Hoje, por sinal, começaram a funcionar as oficinas; sobre isso, tudo o que possam conseguir em ferramentas e material será bem-vindo. As oficinas têm um tear, máquina de costura, couros, mosaico e estampado de tecido. Se conseguirem alguma coisa de ferramentas de chácara, pá, enxada, arcinho, etc., seria ótimo. Aqui se quebra quase uma ferramenta por dia porque em geral são velhas, e ruins e não sabemos usá-las. Escrevam agora para o setor B, cela 6. A blusa ficou muito bem, ainda não a usei porque fez um frio bárbaro estes dias. Já imagino como vai ser isto no inverno, as gurias já estão fazendo abrigos enormes.

Cláudia e Jorge: minhas felicitações pelos 7 anos. Jorge pode vir às visitas porque agora a guarda deixa entrar os cunhados. Os cigarros foram muito bem-vindos. Andréa tem a minha permissão (!!!) para batizar de "Carmencilla" a boneca. O "Mac 1" dei de presente para um *louco* genial de um dos lugares por onde andei. Aqui sempre fazemos o impossível para dialogar com todos, é a forma de se entender e chegar a alguma coisa positiva. É incrível que com todas as mudanças nas Forças Armadas continuem existindo redutos inexpugnáveis como o Sexto e outros poucos; vamos ver se algum dia eles tomam consciência(26). Aqui as companheiras que conhecem alguma coisa de Medicina e Odontologia vão começar a trabalhar. Vocês sabem que a minha palavra-de-ordem com respeito aos problemas de cartas com o meu Magro é "persiste e vencerás". Por isso mando outra para ver o que acontece. Meu caso não é o único, porque parece que nenhuma recebe carta. Uma guria falou com o comandante sobre o problema, mas a verdade é que tive vergonha de estar enchendo por um problema pequeno em comparação com todos os que a gente tem que estar agüentando; até por um problema de ética. Agora, é certo que ando mais que preocupada e que tenho que fazer um esforço mental enorme para não ficar todo o dia pensando nele: e é difícil.

Digam a Clotilde que mande dizer como está o Magro, o que escreve, como vai o seu ânimo, e não se preocupem pensando que pode ser uma situação difícil porque estou convencida de que ela é uma pessoa madura e que vai me compreender e perdoar esta debilidade. Estou braba com o advogado(27). Não estou interessada em que tenha renome; um advogado só serve para conversar e para servir de conexão entre o Magro e eu, e para controlar onde está ele, se o transferem, como está, e além disso ainda não perdoei ao juiz aquilo de "tentativa de furto"; repito que não houve, e quanto mais demorar o advogado, menos pode fazer. Logo se vê que é gente que nunca esteve presa. Para papai, lembranças de Maria Luisa Gonzáles, a do livro. Flávia.

(25) *Referência ao presídio masculino. Apesar do nome, é certamente o estabelecimento carcerário mais sinistro da América Latina. Ver reportagem publicada pelo Coojornal, de Porto Alegre, de outubro de 1978.*

Q6) *Referência à tendência progressista observada entre setores das Forças Armadas uruguaias, especialmente a oficialidade jovem, notoriamente influenciada pela ideologia tupamara. Houve um momento em que as possibilidades de uma "alternativa peruanista" foram muito grandes. Em outras cartas Flávia enfoca diferentes aspectos da relação dialética entre vencedores e vencidos, e entre torturadores e torturados.*

Q7) *Os problemas foram constantes com os advogados de defesa. Em consequência do terror vigente, foram muito poucos os advogados que atuaram de forma efetiva; duas ou três dezenas, não mais. A maioria dos presos políticos foi julgada e condenada sem contar com assistência jurídica. A presença dos defensores de ofício — militares, e não advogados — constituía uma farsa ridícula. No caso de Flávia e de cerca de 300 outros presos políticos, a dra. Maria Elena Martinez atuou com grande eficiência e coragem. Mais tarde esta dirigente do Partido Democrata Cristão teve que abandonar o país, violentamente pressionada, e seus clientes ficaram sem amparo jurídico. A "bronca" de Flávia se dirige a seu primeiro advogado.*

26-2-73

Recebi tudo o que me mandaram, os "Cadernos de Marcha" por pouco não foram considerados subversivos, possivelmente porque não poderiam perceber que Lenadro Gomez, Kennedy, etc., não eram *sediciosos*. Peçam sempre os pacotes: já são duas semanas que são devolvidos e vou mandar sempre. Esta semana vai: um saco de linhagem com quatro bolsas, uma almofada de crochê, que terão de encher, e três bolsinhas de crochê; além disso um painel "junta-porcarias" para as mulheres menores da casa. As visitas foram suspensas por tempo indeterminado. Mando a lista de algumas coisas para a oficina de couro: linha, cimento, repuxadores, tinturas, cera, couro, solas, sementes, tesoura, régua de metal. Vão me levar urgente ao hospital porque tenho alguns pontos não absorvidos que podem estar infeccionando. Vamos ver. Jorge que tenha bastante confiança na tabaqueira, mas agora em couro esticado. Preciso de envelopes e algo para o cabelo, porque estou ficando careca e ele está espetado para cima. Lembranças para o Zé e Neném. Paulinho esteve genial. Ando com uma gripe bárbara; mandem remédios se puderem. Apesar de não ter escutado a voz das coelhas, não importa, basta tê-las perto um pouquinho para ir conhecendo. Já sei que mamãe e eu vamos seguir com a tradição, ela perde a bolsa e eu mando outra. Tomara que possamos continuar assim por muito tempo, não, mami? Geniais as cartas de papi; agora sei porque não passavam no Sexto Regimento. Se puderem, mandem agulhas para coser, outra caneta, linha de sisal grossa (da dupla). Ah! Faço descansa-pratos e porta-copos (um jogo) que fica muito bom. E já completei três meses de prisão. Com a lã que mandaram vou fazer meias de lã para todas, o que vocês acham? Bom, deixo vocês em paz por hoje. Muitos beijos e carinhos para todos, da *segunda*.

As botinhas de chuva velhas não joguem fora porque servem para a granja; se puderem, mandem. E aquele casaquinho cor de cinza ainda existe?

Dois remédios: Fosfotimol para mim, porque já não preciso ter “amnésia” nem má memória... e Niamit 100, se conseguirem pela cooperativa. Tchau.

PUNTA RIELES, SEGUNDA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 1973

Família querida:

Atendendo ao dramático apelo da mamãe, violo as regras de escritura propostas e vou-me dedicar a escrever esta carta com letra clara. Não poderia suportar na minha consciência o peso de ser responsável pelo uso de óculos em toda a minha família. Ando enlouquecida: entre os nervos, na semana passada, e as cartas, as visitas, as idas ao tribunal... Não imaginam como foi a coisa, quarta-feira passada. Nós, como boas fofoqueiras, ao menor ruído exterior íamos às janelas. E nesta gloriosa quarta-feira, que vejo? Um “camelo” do glorioso Sexto, e dentro do “camelo”, uma pessoa parecida com o Magro da minha alma. O “camelo” pára, desce o homem e entra no edifício. Pouco depois me chamam. Como é de se supor, eu já estava à beira do colapso. Desci e vi o meu amado ali, de pezinho e inteiro, menos pálido, outra vez com bigodes, ainda mais magro. Me agarrei a seu pescoço como sanguessuga e depois estivemos conversando por algum tempo com dois oficiais. Depois nos levaram ao tribunal e tivemos a sorte imensa de que não nos atendessem neste dia. Sabem que beleza? Mais de duas horas, sentada bem ao lado do Magro e conversando sem parar. Sabe, pai, que te vi na fila dos pacotes quando me levaram de Punta Rieles? Tu ias entrar bem naquele momento e ainda bem que não nos viste, porque ias te preocupar muito, inclusive porque Rubén estava encapuçado, na parte de trás. O Magro está muito bem e com muito ânimo. Se sente bastante isolado porque não tem com quem discutir, mas está inteiro, que é o que importa. Ruim mesmo é que ficou muito nervoso e de noite tem que tomar remédio para poder dormir. Está um pouco esgotado neste sentido, porque há três meses está continuamente na *máquina*, suportando a tensão da espera de um novo interrogatório, quem sabe de que nível, todos os dias. Agora está trabalhando com pá e picareta na construção de um polígono. Recebeu visita da Clotilde sábado passado e comentou-me que ela ficou chateada pelo fato de vocês terem ido falar com ela. Retiro o que disse em carta anterior sobre a sua maturidade. Além disso, as cartas dela nos deixaram numa situação bastante incômoda. Um oficial que me interrogou no Sexto, para me chatear, esteve falando da quantidade de mulheres que tem o Magro e que tinha se fixado muito na última carta dela, pelo tom que tinha. Que desorientação mais calamitosa! E o que tu achas, papaí? Agora, essas coisas insólitas do Uruguai te tocam de perto, não? A sorte que todos temos tido nos últimos tempos tem sido total. Isto é como uma novela de suspense, nunca sabemos que novos fatos podem aparecer e mudar por completo o panorama. Podes imaginar minha confusão e minha desconfiança quando me fizeram a colocação. Ao Magro fizeram, há pouco, mais duas acusações. Bom, vamos mudar um pouco de assunto.

Aqui é muito difícil ler e estudar, devido ao murmúrio contínuo e ao movimento do pessoal. Somos muitas e vivemos muito apertadas. Agora me

impus, como disciplina para vencer esta apatia e dispersão mental, o estudo de um livro da Faculdade de Ciências Econômicas, chamado "Curso sobre a realidade econômica nacional". Muito bom. E quando não há ambiente para se concentrar, leio o livro do Neiva (28), que todos dizem que é ótimo. Já se colocou a necessidade de fazer uma biblioteca, o problema agora é a falta de lugar. Andréa, sabes por que se suspendeu a visita do sábado? Porque souberam aqui que vocês estavam doentes e então disseram: "Visita sem as mulherzinhas não é visita", e a adiaram até o dia em que vocês estiverem boas. Digam a Lygia que se puder mandar uma revista de crochê, ótimo. Quinta-feira passada o Magro não me mandou carta (flor de vagabundo!). Disse que tinha conseguido conversar comigo, não era preciso carta. Ele pede, além disso, que não mandem mais comida. Agora está confirmado que o correio interno não funciona, porque de todas as minhas cartas não chegou nenhuma. Vamos ter que continuar usando a via familiar. Muito obrigada à professora de Andréa pelas lembranças. E lembranças também para o Marito. Não se inibam por causa da regra de duas folhas por pessoa: isto é na carta familiar, mas as cartas de companheiros são contadas à parte. A carta do pai provocou sensação entre as gurias pela exaltação com os "marchistas". Mamãe vai terminar sendo uma grande escritora em língua espanhola.

Vocês sabem que das janelas da minha cela se vê chegar as visitas? Vocês atualmente já são conhecidos por toda a prisão. Quando vierem outra vez, o nosso pavilhão é aquele que aparece quando se atravessa os dois portões, no último; as duas últimas janelas. Já estou quase terminando a manta. Ficou muito bem em mim. Me ofereço para fazer-lhes conjuntos em crochê com manta e meias. A quantidade de lã que mandaram é suficiente. Na manta gastei um novelo e meio. Nós nos organizamos na distribuição da alimentação na cela: semana que vem é a vez de comprar meio quilo de cacau, 1/4 de quilo de bolacha malteada, meio quilo de queijo, meia dúzia de ovos e uma de frutas e verdura à vontade. Mandem um rolo de papel higiênico todas as semanas, e algodão uma vez por mês. E nada mais! Porque é politicamente desagradável que continuemos com as comilanças que temos feito até agora. A única coisa que reivindico, porque no ano passado não tive, é um bolo grande da mamãe para os meus 20 anos, tá? De chocolate. Ah! Estou precisando de um soutien (75), de cor escura e com forro, se possível, porque os que tenho estão muito gastos. Nós aqui temos frio porque há muita corrente de ar. Mais tarde vou pedir aquele abrigo de inverno, preto, para ir à granja. As botas de chuva que já não estiverem boas para usar vão ser fundamentais para a lama que vamos ter por aqui quando começarem as chuvas. Ah! Fui à ginecologista e tenho que fazer lavagens com água oxigenada. Mandem um vidro, e outro de álcool retificado que uso para limpar os talhinhos no pescoço. É urgente um vidro de iogurte, e se puderem tragam antes de quarta, pelo advogado, por exemplo, seria ótimo. Em "Las Piedras" está a família Perla, que tem duas filhas aqui. O pai da família está internado e eles andam completamente sem grana e desesperados. Se puderem fazer alguma coisa por intermédio da Cláudia isto aliviaria as duas gurias de um peso bárbaro; moram em Cuchilla de la Sierra e Pilar Cabrera. Bom, hoje eu teria assunto para outra folha, mas esta já terminou e não há outra. Guardo o que falta para a próxima. Beijos e abraços para todos. Fla.

(28) Referência ao livro de Neiva Moreira sobre Nasser e o nasserismo.

P. RIELES, SEGUNDA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 1973

Querida família:

Aqui vamos bem, na nossa vidinha de sempre. Na verdade, não posso me queixar de tédio, nem de monotonia, porque como sou uma pessoa muito querida e desejada por todos, tenho tido propostas para viajar inclusive ao interior da República (29). Como gosto muitíssimo deste "lar", vou fazer o impossível para ficar por aqui mesmo. Estive conversando com o chefe daqui e ele vai ver pessoalmente o nosso assunto. Isto me alegrou e tranqüilizou bastante. Ele concorda com os teus livros, pai. Mamãe, não devolvo as bolsas que tenho porque estão cheias de roupa, coisas de higiene, etc. E tudo isto embaixo da cama. Somos 56 neste setor, divididas em quatro celas com 14 mulheres cada uma, em sete beliches. Estamos muito amontoadas. Temos quatro banheiros e duas duchas que não funcionam, porque quase nunca há água. Na minha cela, só há duas "MLN" com plena militância, duas "FRT", uma "22 de dezembro", uma "ROE"(30) e as outras todas periféricas. Temos uma ex-freira e, como podem imaginar, já fizemos o respectivo interrogatório sobre se as freiras cortam o cabelo (não) . se usam calções compridos (sim) , etc. Outro dia, tivemos visita de personalidades; Chiappe e Cristi (31). Que horror! Papai, não envie mais "Cadernos de Marcha" para cá porque sua entrada aqui depende do nível dos oficiais do turno. Por exemplo: há duas semanas passaram todos os Cadernos, e esta semana não me deram nenhum até agora. Sabes que há gente que ainda se assusta com *Marcha* (que desorientados que estão, não é?) e não se dá conta de que estes cadernos são de história? Pobres Latorre, Batlle, Kennedy! Vou falar com o chefe sobre estes cadernos, mas por agora não envie mais.

Sexta-feira me levaram ao hospital e fui examinada pelo cirurgião que me operou. Receitou antibióticos e me mandou para o otorrino, que vai fazer um exame mais profundo. Mas estou bem. Hoje chegam os policiais militares. Vamos ver como se comportam. Quer dizer que vocês foram ao desfile de carnaval? Nós, sábado passado, fizemos um grande baile de carnaval. Foi de morrer de rir, mas temos algumas boas artistas no nosso setor, cantoras e violeiras. Hoje, a partir das 18 h, temos o aniversário de uma guria da FRT, com violão a todo vapor. E hoje mando a tabaqueira para Jorge. Além disso, a bolsa de linhagem e outra bolsa. O sagu teve um rotundo êxito. O pedido para esta semana é: papel higiênico; algodão; fruta; um quilo de açúcar; um vidro de café instantâneo; nada mais, tá? Se tiverem vontade podem mandar sementes de tempero verde, cebola, beterraba, cenoura, rabanete, espinafre . etc.; veneno granulado para formigas; adubo químico, pá, picareta, ancinho, enxada, etc. Mangueiras compridas e conexões de mangueira para torneira grande. Um dia destes vou receber vacina antitetânica e contra o tifo. As botinhas ficaram ótimas. Logicamente, vão ser de uso comum na cela. Pai e mãe, hoje não escrevo mais porque adiantaram em um dia a retirada das cartas, e ainda tenho que descer até a oficina para terminar uns trabalhos. É preciso respeitar sempre o dever, não? Muitos beijos e abraços.

Flávia.

Cláudia, diz para os teus amigos que não esqueçam de ajudar a Perla, tá? Tchau.

P.S. Creme para o cabelo; caneta; agulha de coser; xampu para cabelos secos, o abrigo de inverno preto, e já vão pensando num cobertor bem grosso para mandar, porque estamos em março e eu já durmo com três cobertores. Vai: pulôver cor de sujo (sou uma *viva* e uma exploradora) , bolsa vermelha de primeira, cigareira.

Já terminei a manta mas ficou tão torta que acho que vou ter que desfazer e começar tudo de novo.

(29) *O que se temia mais era a transferência para os quartéis do interior do país, onde a violência era muito maior do que nos da capital.*

(30) *Diferentes organizações revolucionárias do Uruguai, na época.*

(31) *Referência a dois generais de ultradireita.*

P. RIELES, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 1973

Querida família:

Sabem como se conta o tempo na prisão? A data mais importante é, logicamente, a da queda: dia "zero" de uma nova era da nossa vida. Eu, por exemplo, não estou na segunda-feira, 19 de março, mas a quase quatro meses da noite de 24 de novembro, o dia mais violento e dramático da minha vida. Nossa semana começa no dia da chegada dos pacotes e cartas (quarta-feira). Neste dia recebemos o "ânimo" de fora que nos permite agüentar até a outra quarta-feira. São dias em que, entre outras coisas, se preenche um pouco do vazio afetivo que todas temos. Os dias mais importantes são os de visita. Nas 24 horas de cada dia, a situação varia; para algumas, a granja é o melhor; para outras, a comida; para outras, a hora de dormir (um dia a menos de prisão!); para outras, a hora da conversa em comum. Isto que estou dizendo vale como regra geral. Sempre há as honrosas exceções. Quando estava no calabouço, como além de tudo não tinha relógio, o mais importante era a comida, e depois da janta começava a situação mais importante de cada dia, que era a espera dos interrogadores. Depois de terminado o interrogatório, a espera *daquilo* (que no meu caso nunca chegou, graças a Deus e a Cristi (32)). Isso se reflete no dia-a-dia de muitas gurias. Vivem para fazer presentinhos para todos os amigos e parentes imagináveis, e juntando assunto de todos os lados (inclusive os livros e com ajuda das demais) para encher as cartas. As cartas para os companheiros são incríveis. Geralmente não sabem o que pôr e terminam transcrevendo poemas para encher a folha ou então enchem com milhares de *te amo*, com várias cores e formatos de letras. Que falta de comunicação mais atroz! Todas aqui ficam admiradas pela abundância de temas que nós sempre temos. Não poderia ser de outra forma, não acham?

Fiquei muito contente com a última visita. Conseguimos conversar muito e estava muito bom. É incrível como ando sensível. Teria começado a chorar com a maior naturalidade do mundo só por tê-los visto. A mesma coisa me aconteceu com o Magro. A primeira vez que o vi encapuçado foi como se me estivessem dando pontapés no fígado. E um monte de vezes, quando estava conversando com ele, olhava-o e me derretia, e tinha que fazer uma força horrível para não abrir o berreiro. Sabe, mamãe, na primeira vez que o trouxeram aqui e que depois fomos ao tribunal, a surpresa foi tanta que nem me penteei e desci toda suja, com chinelos, calça Lee e um casaquinho todo feio. Mas posso te garantir que o Magro não deu atenção a isso. Ele, como sabia que vinha, pôs uma camisa limpa, bem barbeadinho, sapatos lustrados... estava tão gostoso! Papai, sabes que eu não queria que tu nos visse

porque ias te preocupar muito, e tinha até vontade de me atirar no chão do "camelo"? E estivemos ali parados na casinha branca pelo menos 5 minutos.

Andréa que continue contando sobre o professor e me diga para qual escola vai. A manta da Valéria está ficando genial, bem larga e abrigada. Já fiz mais ou menos um metro. Pretendo fazer bem comprida. As meias são mais problemáticas, porque ninguém sabe fazê-las em crochê, só em tecido, e agora o novo regulamento proíbe ter agulhas de tecer. Eles são bastante macabros ao pensar que a gente, tendo tantas formas de se matar, vai fazer um hara-kiri com agulhas de plástico e sem ponta. Mas... assim mesmo vou tentar fazer as meias. Nesta bolsa mando uma calça Lee para que lavem e ponham um fecho novo. Não sei se mando uma fronha e um lençol: depende de amanhã fazer sol ou não. Há problemas aqui para lavar, e principalmente para estender roupa. Não pensem que só por malandragem que não lavo roupa. Não esqueçam de mandar, em cada pacote, papel higiênico e algodão. Se não coloquei na carta anterior, e já que mamãe quer me ver bonita, que me mande xampu e creme para o cabelo. Continuo perdendo cabelo barbaramente e acho que vou ficar careca. Esta semana precisamos: 1/4 de quilo de cacau, 7 ovos, 1/4 de bolacha malteada, 1/2 quilo de açúcar. Se puderem, mandem uma toalha de banho, porque quando saí do Sexto rasguei a grande que tinha e mandei a metade para meu Magro. Mandei também a cor-de-rosa pequena que tinha: agora tenho só duas pequenas. Se puderem, mandem também outro lençol, porque assim posso mudar a cama uma vez por semana, já que há muita sujeira nas celas. Imaginem uma peça do tamanho do meu quarto, em casa, com 14 mulheres dentro. Tenham cuidado com os ovos e as bolachas; enrolem num papelão ou alguma coisa resistente, porque chegam aqui muito rebentados.

Sabem que temos pulgas? Estou toda picada. O que se há de fazer? Entre os percevejos, pulgas, mosquitos e moscas, já estamos bem enlouquecidas. E está terminando o meu Fosfotimol. Qualquer tipo de material (lã ou couro) que consigam para a oficina será muito bem-vindo. Aceita-se doação, seja de quem for. Mas tem que ser uma quantidade que dê mais ou menos para fazer alguma coisa útil sem ficar só juntando retalhos. Para o inverno vou precisar camisas de manga comprida e gola alta, porque não suporto que roce nada no pescoço. Também nisso, não gastem: consigam de outros! Além disso, um par de meias grossas para usar debaixo da calça Lee. Mais adiante começo a mandar roupa de verão que não vou usar mais.

Sabe, papai, as melhores cartas para o livro de vocês seriam as *inter-quartéis* (33). Tratem de conseguir algumas delas. Cláudia, dá duro contra as gurias que não entendem as coisas, porque não tem sentido que logo elas estejam com essa posição. Muita sorte nos exames. Já localizaram as janelas aqui desse meu novo lar? As mulheres daqui já se meteram na cozinha e hoje estamos comendo bem. Se a população da minha cela não fosse tão burguesa, já poderíamos desistir de mais da metade das coisas que continuamos pedindo. A granja está um luxo, requintada. Já chegaram as vaquinhas e os porquinhos. Mas por agora só trabalharam nisso as duas que têm menos de dois anos de condenação. Grave erro, porque quanto mais consciência se tem, mais disciplina, e nenhuma de nós jamais pretendia escapar, na atual conjuntura. Vamos ver se acontece aquilo de um rádio por setor. Parece que a intenção dos comandantes em chefe não é impedir a informação das presas. Tomara que funcione, porque a nossa situação é horrível, as notícias vêm sempre pela metade. Mas aposto que estamos melhor informadas e entendendo melhor o processo do que a maioria do pessoal.

Uma coisa que conversávamos outro dia: neste momento a opinião do preso passou a um plano principal, porque estamos convivendo e conhecemos a fundo (como ninguém) os protagonistas que estão na vanguarda do processo uruguaio. Não poderá faltar a globalidade da situação política, mas no ponto relativo ao Exército, o que colocamos tem que ser respeitado. Inclusive porque vivemos de perto o processo (aparentemente contraditório) dos nossos torturadores chegarem a ter neste momento uma só idéia na cabeça: mudar o país. E como nós também procuramos a mudança deixamos os rótulos de lado e apoiamos, no que pudermos, a todos os honestos e bem-intencionados, sejam do grupo, organização ou força que forem. E vamos pra diante (34). Muitos beijos e abraços para todos. Tchau.

Fla.

Se o "Seiko" funciona, não mandem. Mandem outro mais vagabundo e usem vocês o bonito. As cartas do Magro podem vir qualquer dia, com o advogado. Com a visita, tá? Tchau.

(32) *Referência ao general Esteban Cristi e à tortura, prática rotineira nos quartéis uruguaios. Na primeira etapa dos interrogatórios, Flávia ficou a salvo da tortura devido a seu estado convalescente. Posteriormente, quando era transportada de um quartel para outro, foi torturada no IV e no VI Regimentos de Cavalaria.*

(33) *Referência ao plano que havíamos feito com Mário Benedetti, romanista uruguaio, para editar um livro com as cartas de presos políticos. Mário gostava especialmente destas cartas de Flávia.*

(34) *Esta euforia, generalizada entre os tupamaros presos, se inspirava na já mencionada tendência peruana dos oficiais jovens. Num dado momento, a sintonia entre a direção do MLN (na prisão) e setores da oficialidade chegou a concretizar-se em planos comuns, como o projeto do porto de águas profundas de La Paloma, elaborado por engenheiros tupamaros e divulgado por "Mate Amargo", publicação que refletia o pensamento dos oficiais progressistas. A tendência progressista foi finalmente derrotada e o regime militar uruguaio se transformou no mais repressivo da América Latina.*

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 1973

Que data a de hoje, hein? (35).

Escrevo entre um e outro arpejo de frio. Por isso a letra vai sair torta.

Quando o inverno estiver mais avançado teremos que sair para o recreio e para a **granja** amarradas com correntes para não sair voando. Situação que seria muito inconveniente, porque se poderia confundir com algum novo método de fuga da "organização delitiva que assola nosso país". Além disso, acho que vou-me inclinar rapidamente pela doutrina hippie. Tomar banho nos nossos banheiros que nem portas têm, será tarefa reservada às masoquistas e estóicas que sempre existem. Minha coragem e meu espírito de sacrifício não chegam a tanto. Aqui entre mulheres estamos cultivando a bruxaria e a astrologia para saber o que vai acontecer neste lindo país. Um fato muito significativo para mim (que esqueci de comentar com o Magro, que é muito

ligado às predições), é que, e atenção-atenção para a feliz nova: serei mãe de dois gurus e uma linda menina! Fato muito significativo se levamos em conta duas coisas: a concepção pela via do Espírito Santo está em desuso há quase 2.000 anos; e depois dos 45 anos já é difícil procriar. Quer dizer que tiramos como conclusão que não vou passar toda a vida em cana. Bárbaro, não acham? Enquanto não chega o feliz momento do reencontro com a “civilização”, gasto minhas energias reproduzindo lânguidas minhocas a golpes de enxada. Uma frase de uma guria que merece ser reproduzida: “As alfacinhas parecem rosas!” Mas falando sério: andam mesmo muito bonitas, enormes e arrepolhadas. Estamos saindo dia sim, dia não, duas horas por vez. Meu horário, durante todo o mês, é das 14 às 16 horas; quer dizer que depois do almoço pensem na filha transviada produzindo com o suor do rosto e para o bem da prisão (36).

Bom, falando sério um pouco: tivemos um rádio por setor desde sexta-feira, dia do comunicado, até hoje de manhã. Gostávamos de escutar até os jingles comerciais. O assunto dos jornais ainda não está definido porque, entre outras coisas, não há fundos. De qualquer modo, sábado e domingo tivemos “El País”. Na prisão, ultimamente, com as mudanças de comandos, a coisa está bem desorganizada; na questão das cartas, por exemplo. O chefe não deixou nenhuma ordem sobre isso mas, por via das dúvidas, na próxima carta escrevam todos numa folha só. Depois vemos como fica. Eu já cumpri meu compromisso escrevendo com letra clara e de imprensa na carta para o Magrinho.

Papi: isto de estudar, não te apresses. Eu sempre penso que é importante sistematizar o conhecimento de algo mas o mais importante é aprender a arte de dar, de comunicar, de ser solidário. Se não aprendemos isto não tem sentido nenhum título e nenhuma profissão. Por agora a prisão não é algo ordenado e cotidiano para mim. Tenho bastante atividade, tanto física como intelectual. Talvez seja mais importante para nossa formação, como seres novos numa nova sociedade, saber plantar uma semente, aproveitar socialmente um pedaço de terra, entender na prática o que significa produtividade, trabalho em equipe, etc., do que passar no exame de uma matéria morta. Além disso, a perspectiva de reintegrar-se à sociedade que rejeitei é mínima, tanto pela condenação que tenho, como pelo fato de que continuaria tentando transformá-la. O que tenho mais claro é uma melhora no nosso sistema de prisão, através do estabelecimento de **granjas**, etc. E tudo por vários anos. E só passaram quatro meses recém-cumpridos. Por enquanto o que estou fazendo é aprofundar meus conhecimentos de Economia, e particularmente economia do Uruguai. Depois, certamente continuarei com História, e depois veremos. Temos planos de estudar coisas concretas, com o objetivo de elaborar possíveis contribuições às transformações do país. Um exemplo: várias gurias estão fazendo um plano-piloto para reformar as escolas rurais, tanto do ponto de vista pedagógico, como sanitário e arquitetônico. Isto para que o levem à prática os que quiserem melhorar o país, sem problemas de rótulos. Cláudia, diz para as Alicias que quando encontrarem o Enrique digam-lhe que suas fãs de Tacuarembó têm muita saudade e gostariam muito de poder se reunir de novo com ele. Sempre falam muito bem dele. Parece que o conhecem desde pequeno. De minha parte, lembranças a todos os da minha aula. Para Neiva, muitas lembranças de Herita. Vilma, a da livraria, está por sair, já tem a liberdade assinada e manda abraços para papai. A manta da Valéria está pronta e vai junto. Não reparem muito, ficou “um pouco” tortinha pela metade. Mas com ela colocada, caminhando ligeiro e de noite, nem se nota nada... As

meias andam mais problemáticas, mas não percam as esperanças. Bom. Preciso: lenços para o nariz, porque os resfriados se aproximam; remédios contra a gripe e comprimidos para a garganta. Papel higiênico. Camisas com gola ou blusas para colocar por baixo dos pulôveres. Quanto ao cabelo, não se riam; mas não fico braba. Aqui temos duas ou três cabeleireiras ótimas, com fama e tudo. Para Jorge a coisa está suspensa porque estão parados todos os pedidos até a mudança de comando. Sobre o otorrino, nenhuma novidade. Me tiraram duas radiografias do pescoço e teriam que me levar hoje, mas por problemas de burocracia o meu passe não estava pronto. Esperarei um pouco mais. O pudim teve um êxito bárbaro. Se puderem, mandem mais uma caneta na próxima semana, tá? O nome da filha da Tania é Renata? Nome sem graça. Andréa Schilling! Como podes estar cheia do colégio depois de uma semana de aula? E com um professor genial como o teu! Não tens vontade de conhecer o mundo através do estudo? O chefe nos deu para ler o original de um artigo para "Mate-Amargo", sobre energia, petróleo, o porto oceânico e a Ancap. Muito interessante.

De comida: 1/2 quilo de açúcar; 1/4 de quilo de doce; 7 envelopes de chá. Fruta à vontade. Bom, me despeço de vocês por hoje, atenciosamente tchau!! Até sábado. Beijos e abraços.

Fla.
Papi: se puderes, manda "Sete Ensaios Sobre a Relidade Peruana", de Mariátegui, e papel de jornal branco. Tchau.

(35) A data era significativa para os tupamaros. Correspondia ao lançamento da Frente Ampla. Além disso, a própria organização legal do MLN foi batizada como "Movimento 26 de Março".

(36) O entusiasmo pelos trabalhos era justificado: aumentava a esperança de que se concretizasse uma aliança entre a oficialidade jovem e os tupamaros para construir um novo Uruguai. Posteriormente, à medida em que os setores ultradireitistas se consolidaram no poder, o trabalho passou a ser considerado como um castigo, uma penitência. Atualmente, o trabalho forçado é uma das características do campo de concentração de Punta Rieles.

Parte 3 — Aniversário

6/4/73

Meus queridos:

Vamos de mal a pior aqui na Punta. Ontem foram os primeiros ataques de histeria. Sabem o que é a histeria coletiva? Começa uma, continua a outra, e outra, e depois ficam todas tão nervosas que só por casualidade não nos agarramos a tapas. Estão nos bombardeando com regulamentos e uma série de coisas para amarrar-nos e oprimir-nos cada vez mais. Papai: rasgaram (!) tua carta porque parece que riscar dá trabalho demais. Escrevam uma folha só e com letra clara. Da carta da mãe e da Valéria tampouco pude ler alguma coisa. Escrevam tudo de novo o que me queriam dizer, etc. Pai, *não* deposita dinheiro. Tira o que já depositaste, porque ninguém sabe para que é este dinheiro e já seria o cúmulo que vocês estejam pagando com grana a nossa "estadia". Eu não preciso de cigarros e como não pode entrar fruta, nem verdura (logo o que é mais necessário) e sim erva-mate, café, chá, açúcar, os 10.000 pesos não têm nenhum fim claro. Além disso⁽³⁷⁾ (...) e é melhor não repetir experiências já bem conhecidas. Já não deixam entrar jornais, nem nada. Nem pensar em livros "políticos". (...) Eu só posso escrever uma página, porque também escrevo ao Magrinho. Esta semana não recebi nada de Rubén, coisa que me preocupa. Tentem manter-se em contato com R. Gigena para conseguir notícias caso o tenham transferido de novo. Sobre a visita de meninos acho tão estranho que tenha sido permitida! Já recusaram visitas de primos, etc., de gente que não tem nenhum parente em Montevideú. Investiguem bem. Sobre o hospital, nada novo. No pacote mando dois lindos presentinhos. Mandem dizer o que acharam do quadro na semana passada. Papai, não coloque absolutamente nada nas cartas porque não serve para nada. Puderam investigar alguma coisa sobre visitar de vez em quando o Rubén? Próxima vez mandem: chá de ervas, açúcar, erva-mate. E o relógio? Os livros do Peru passaram (quatro). Mandaram couro? Não chegou nada disso. O resto chegou tudo bem. Canetas? Não me entregaram os artigos sobre nacionalismo: políticos e subversivos. Obrigada pela revista de crochê. É difícil demais para mim. Isto das cartas me dói muito pelo Magrinho, porque nos faz um grande bem poder conversar um pouco. Respeitando as linhas e com letra grande o papel não dá para nada... (...)

Fla.

(37) Carta drasticamente censurada. Dentro da prisão se observam as conseqüências das mudanças políticas do país.

12/4/73

Família querida:

Enfim recebi uma carta inteira de vocês. Fazia duas semanas que recebia pedaços de cartas. Eu escrevi quarta-feira passada. Exijam sempre carta e pacote, porque eu *sempre* vou mandar. Hoje faço um ano de "casada". Como passa o tempo! Ainda não fui ao otorrino. Estou bem de saúde. Mãe: eu não tinha dito que ficava terminantemente proibido que adocecesse enquanto eu

não estivesse com vocês ? Quer dizer: fiquem boas de uma vez, comam muito e tomem muita vitamina, tá ? Não quero passar por usurpadora, assim que esclareço outra vez que só sou responsável pela direção técnica do quadro, e pus a poesia, atrás. Agora que já disseram que é bonito, ralem-se; vou encher vocês de pinturas. Não chegou um cartão que mandei ? Reclamem quando não receberem alguma coisa do que ponho na relação. Faz um mês que o Magro não recebe carta minha, isto quer dizer que pela CITA a coisa não funciona. Mandem a que vai para Rubén pela ONDA (38) logo depois de a receberem. Mandem num pacote (é mais barato), junto com as fotos, e com o nome dele atrás de cada foto. Já recebi três cartas do Magro. Está bem, numa cela com outro. Anda muito nostálgico e romântico, mas bem. Está com a cabeça raspada, sem bigode e com o uniforme cor de cinza horrível que usam. Diz que parece ter 20 anos de novo. Última notícia: acabam de encontrar um rato na minha cela. A partir de hoje durmo no corredor: era a última coisa que faltava. A manta da mãe vai demorar um pouquinho, porque tenho que terminar umas meias de lã para Rubén. Estou tecendo com 2 agulhas. Não vou precisar de nenhum abrigo mais, porque deram um poncho do Exército a cada uma. Gostei muito das cartas da Valéria e Andréa; continuem contando coisas bonitas. É uma forma de ficar um pouco em contato com a realidade. Nós aqui continuamos a vidinha de sempre: granja, oficina, estudo. Estamos lendo a "História da Nação Latino-Americana", de Abelardo Ramos. É bárbaro. Sobre a Pedagogia, não vou ter problemas com os livros porque há várias professoras que têm de tudo e podem mandá-los buscar. Na oficina estamos fazendo umas bolsas "da casa", com couro e fazendas e couro e linhagem. As gurias podem enlouquecer com estas bolsas. Se quiserem, faço gorros ou boinas muito bonitas em crochê. Se puderem, desfaçam algum pulôver velho que tenham, para aproveitá-lo em meias e coisas assim. Não receberam uma carta com uma poesia no fim? Sobre os meus próximos 20 anos, pretendo não dizer nada a ninguém para que não comecem com presentinhos e outras histórias. Sobre o bolo: não importa; quando estiver de novo com vocês (todos sentados na cozinha, conversando e fazendo brincadeiras), e com Magrinho, vou-me empanturrar como nunca com a torta de chocolate da mamãe. Já colhemos montões de verdura. Agora, com o inverno, vamos ter pouco trabalho. Os brincos são para quem gostar mais. Morro de riso só de pensar como vão estar vocês, com tantos "presentinhos", quando eu estiver por sair da prisão. Vão juntando, tranquilos, que num dia de necessidade econômica pode ser útil (espero, é claro, que isso nunca aconteça). Papai, já não se pode dizer "companheiras"! É preciso dizer amigas, ou reclusas, ou detidas. Eu, por exemplo, passei a ser concubina (com grande horror da minha parte, porque soa péssimo) do Magrinho. E o Magro (flor de vivo!) jurou de pés juntos que não poderia se divorciar. Se o Gigena é bom, falem com ele para ver como anda o meu amor, porque anda mandando cartas muito, muito apaixonadas e deve estar se sentindo meio sozinho. Todas as obras de arte que mando esta semana (menos de enfeites) são fruto do trabalho em equipe. Eu opino e dirijo, na maioria das vezes, colaborando com uma pincelada aqui, outra ali. Morreu Picasso mas aqui já nasceram várias picassas !! Montes de beijos e muitíssimos abraços para *todos* .
Fla.

Escrevam umas linhas para o Rubén na página em branco, tá?

(38) CITA e ONDA são duas empresas de transporte coletivo que têm serviços de encomendas para o interior do Uruguai. (N.T.)

Família querida:

Começo a escrever "preocupada"; talvez o mesmo sentimento de vocês aí do outro lado das grades. Esta semana não me entregaram a carta de casa; pude vê-la de relance quando a tiravam do pacote. Não houve explicações sobre a apreensão. Fiquei relativamente tranqüila ao ver papai e Andréa aqui. Pelo menos sei que estão bem, e que conseguimos cruzar os olhares num momento. Como podem imaginar, espero com ansiedade o sábado, para poder dar-lhes um abraço bem forte e solidário como sempre. Semana passada mandei duas cartas, uma delas ao Magro. Hoje utilizo o mesmo sistema, para ter certeza de que o que preciso dizer a ele vai chegar no menor tempo possível.

Se lerem a carta, verão que há um probleminha enorme por esclarecer. Esta vez enchi vocês de presentes. Os brincos são para quem mais precisar. Também vai um par de meias de lã. A manta da mãe vai demorar um pouco mais, porque quero fazer umas meias para mim também. A verdade é que os dias estão voando e não temos muito tempo livre aqui. Estamos trabalhando muito e muito bem. Agora já se pode escrever duas páginas de novo. Fato que nos deixou muito contentes, porque esta é a única via efetiva e regular de comunicação com o exterior. A cantina ainda não está funcionando: por isso ainda podem mandar frutas, queijo, bolachas, etc. Eu pediria que mandassem um "estoque" de coisas de higiene, inclusive essas besteiras para o cabelo (para que mamãe não diga que não me preocupo com a beleza e que estou perdendo a feminilidade — é assim que se escreve?). Também estamos organizando a biblioteca. Mas o papai que não se entusiasme, porque a censura está muito rígida. Por exemplo, livros como "Economia Marxista", de Mandel, que são de estudo, foram apreendidos. Estamos trabalhando também na cozinha. Eu não vou ainda porque não agüento ficar quatro horas de pé. Como sempre, já é quinta-feira e ainda não tenho perspectivas de ir ao otorrino. A demora me anima bastante, porque, evidentemente, se tivesse alguma coisa já estaria morta. Mandem álcool para as feridinhas no pescoço. Já contei que deram um poncho para cada uma? Estou bem de saúde, já melhorei da gripe. Preciso de lenços para o nariz, porque os que me mandaram já estão rebentando. Também um bloco de papel para anotações e folhas e envelopes para cartas. Comecei com a ginástica, para ver se não enferrujo completamente, já que não me arrisco a jogar voleibol, com medo de que me terminem de cortar a cabeça (que mórbida, hein?). Vão permitir, definitivamente, a entrada de rádios e jornais. Ainda não se sabe quais. Receberam a carta onde dizia que ia começar a estudar Pedagogia? Isto, naturalmente, quando estiver num lugar definitivo, porque agora estou saltando de uma parte para outra. Preciso de meias compridas, mas grossas, porque me dá pena usar e gastar meias que qualquer uma das quatro mulheres da casa podem aproveitar melhor que eu. Bom, recém volto da granja, móida de cansaço e curvada, mas sem tensões. Reviramos a terra de três canteiros bem grandes. Não se preocupem por mim. Estou bem. O que me parece urgente é tentar que eu e o Magro tenhamos o mesmo advogado. Perdoem a insistência, mas é realmente importante. Ele está bem, cada dia me escreve cartas mais apaixonadas, coisa que me preocupa um pouco. E todo o problema que vocês vão ler na carta começou porque o Magro escreveu à Clotilde (como amigo) pelo seu excessivo complexo de culpa em relação a ela. E ela, com sua imaturidade, interpretou mal. E se criou toda uma situação bastante deli-

cada. Agora, é claro que eu dou a este tipo de problema a importância que tem, ou seja, é preciso esclarecê-lo rápida e profundamente, e não pensar mais que dois minutos nisso. Não vale a pena. Acho que o Magro está num poço fundo; desorientado e problematizado. Me idealiza muito e se aferra demais a mim — e o pior é que não recebe minhas cartas, onde lhe faço críticas duras esperando que levante o ânimo. Recém fiz o pedido para que ponham a Andréa na lista. Que noites vivemos, hein? Minha família, que bom seria poder estar um pouco com vocês, tranquilos, poder conversar sobre todos os problemas e aconselhar-nos mutuamente; todos tão diferentes, mas com tanta qualidade humana, honestidade e abertura. Recém tive que interromper de novo a carta, porque uma guria aqui na cela está muito mal e tem ataques.

Ontem sofremos um susto incrível: teve uma parada respiratória e 200 de pulsação. Naturalmente, depois de cada crise destas, chá de tília aos litros para todas. Reitero a minha ameaça terminante: que mamãe não fique doente de nada. Bom, uma gripe eu ainda posso perdoar, mas isso de pressão alta e outras coisas estranhas, não será perdoado. Inclusive porque isto tem muito de nervoso, não? Façam como eu: cara-de-pau, cancha, calma e aspirinas, contar até 10, não pensar nos problemas mais que o necessário e sempre com mentalidade positiva para superá-los. É a maneira de não sair cabelo branco antes do tempo. Sabem, entre outras coisas que nos acontecem estão: queda em massa dos cabelos, aparição de cabelo branco aos 20 anos, perda de dentes um a um, ataques de caspa, espinhas e alergias a granel, etc. Dizem que a maioria destes problemas são expressão física das tensões reprimidas. Como não encontrei resposta sobre o que fazer com o dente de ouro que arranquei, acabei botando fora. Finalmente me libertei daquele dente tão sofrido e famoso; lembram? Bom, muitíssimos beijos e muito carinho a todos os meus amigos, irmãzons, papais e mamães, tá? Tchau! Fla.

P. RIELES, 29 DE ABRIL DE 1973

Alô família!

Finalmente voltei ao lar doce lar. Estragaram o meu aniversário, hein? Não pude comer nem um pedacinho do bolo da mãe (39) — mas não importa, na próxima vez me desferro por todos os aniversários que não pude festejar. Estou muito bem, tá? Antes que me levassem, recebi montes de presentinhos bonitos, entre eles um bafeiro que diz “sô das companheira”. Um bafeiro pelos 20 anos; bonito, não? Quem está caído é o Magro. Merece todo o apoio do mundo. Conto com vocês para isso. Consegui dar-lhe três beijos. Vejam só! Vou pedir para receber visita de vocês este sábado. Tomara que autorizem. Beijo vocês com carinho, Fla.

Gostei muito do pijama e do cartão: maravilha! Tchau!

(39) Coincidindo com seu aniversário, Flávia foi retirada de Punta Rieles e levada — junto com seu companheiro, Magro, para o comando do Primeiro Corpo do Exército, onde teve lugar mais uma etapa de “interrogatório duro”.

Na carta seguinte ela relata parcialmente — no que a censura permitiu — essa nova experiência. Está orgulhosa por não haver "afrouxado", de ter-se comportado com dignidade, saindo íntegra da prova de força.

3/5/73

Queridos:

Não imaginam (ainda que pareça estranho) como me sinto enriquecida depois da experiência que vivi nos dias que passei fora do "lar". Não pensem que sou masoquista, nem nada parecido. Me levaram (precisamente) dia 26, ao meio-dia, e voltei dia 29 de tarde. Nervosa e cansada, mas com uma moral e um ânimo nas nuvens. É bom de vez em quando voltar a enfrentar o medo, a insegurança, a pressão, para ver se a gente está realmente firme ou não. E sair vitorioso é uma grande alegria. Nada mais glorioso que a paz com a própria consciência: manter-se firme com seus princípios. E desta vez com um elemento a mais, que até aqui tinha-me colocado muitas vezes e que temia, mas que está superado: agüentar tudo com o Magro na minha frente e como elemento de pressão que eles controlam muito bem. E em vez de diminuir-nos fomos apoio mútuo, confiança mútua e fortaleza. Os olhares furtivos por baixo do capuz estão gravados para toda a vida. Me enriqueci pessoalmente, na minha relação com Rubén, e na minha relação com "eles". Recebi a carta de vocês e me emocionei muito com a do papai. Como poderia falhar com vocês? Prefiro morrer a não corresponder a vocês na altura que merecem, que não corresponder a toda essa confiança generosa que me deram as gurias, o Magro.

Quando souberam que iam me levar, no dia do meu aniversário, as gurias cantaram parabéns só de manhã e me deram de presente um grande babero com um bordado que dizia "Sô das companheira". O que que vocês acham? E naturalmente nem provei o bolo para que os nervos não me traissem e não me descontrolasse. Mas não importa. Fica para outra vez.

Um esculacho: como puderam demorar uma semana para mandar a carta para o Magro? Por portador não há nenhuma garantia de que chegue e via ONDA está nas mãos dele no máximo em um ou dois dias.

O Magro está mal, amargurado, desiludido, farto. Bom, ultimamente um pouco mais gordo. Não imaginam que deprimente é vê-lo com a cabeça raspada e com macacão.

Fui ao otorrino e me mandou à fisioterapia. Parece que tenho um nervo comprimido e por isso tenho dor. Me levaram segunda-feira.

Mamãe, como pisaste o pé?

Gostaram da máscara e do trabalho em madeira? Como é possível que as meias do Magro não tenham chegado até ele?

Se puderem mandem alguma calça de inverno das que estavam na casa da Cristina (a xadrez e a preta). Também tenho casacos e pulôveres na casa da Cristina. E também há roupa de inverno do Magro (casacos, pulôveres, calças). Lembranças aos pais da Cristina. Muitos beijos, e abraços.

Fla.

Meus queridos:

E aqui estou, beirando os seis meses, tratando de aproveitá-los o máximo possível, tratando de me organizar e assimilar a vida da prisão, mas sempre com a metade da cabeça e do coração atentos ao que acontece aí fora. Fui ao hospital, passei bastante pela cidade (é incrível a quantidade de velhos nas ruas, sinal de que a maioria dos que têm 20 e poucos anos está atrás das grades). Mas a única coisa que esclareci é que vão me fazer a operação plástica. Não sei quando. E tampouco quem. Estou preocupada com o Magro. As cartas de "Libertad" podem entrar aqui qualquer dia, podem trazê-las inclusive no dia da visita. Por enquanto estou escrevendo pelo correio interno para ele. Demora só quatro dias, mais ou menos. Parece que agora nos cortam mesmo o cabelo e põem uniforme. Vai haver um escândalo bárbaro. É bastante deprimente sentir-se preso até no aspecto e cada vez que se olhe no espelho. Estamos estudando muito e nos falta tempo. Vamos começar a fazer ginástica duas vezes por semana: uma hora, com professoras e tudo. Professoras *reclusas*, claro. Clotilde ficou em liberdade e tenho que guardar a vontade que tinha de conversar sobre tudo com ela. Espero que não continue com sua histeria aí fora (tenho quase certeza de que vai continuar com a mesma atitude). Mãe, isso não é fofoca das gurias, é muito sério. Ela passa todo o tempo fazendo presentinhos para o "seu" Magro, diz que *nunca* estiveram separados, que se entendiam muito bem, mostra sua foto por todo lado, etc. E quando se está na prisão este tipo de coisa é muito lamentável. É muito urgente cortá-los pela raiz. Quero ver como o Magro vai enfrentar o problema; porque naturalmente ela deve ir vê-lo, deve escrever-lhe todas as semanas, etc. Muito possivelmente nada disso teria acontecido se o Magro tivesse sido mais claro; menos paternalista com ela. Bom, veremos o que acontece. Mandem o casacão xadrez que está na casa de Cristina (um que é marrom e verde). Mandem camisetas de manga comprida, meias de lã (se não conseguirem, não comprem, porque posso fazer umas). Decidi não mandar mais roupa para lavar, porque não tem sentido; é muita idiotice da minha parte. Por mais incômodo que seja, é preciso se acostumar. Se vocês têm alguma bacia sobrando, ótimo. O bolo da mãe teve um êxito brutal. Incrível! Tens razão, mãe, realmente o que aprendi nos meus vinte anos (principalmente nos dois últimos) não pode caber numa carta. Quanta coisa a gente deixa de perceber, quando está na rua, da natureza humana e da gente mesmo. E como é certo aquilo de que só em condições extremas é que a gente se percebe como realmente é: covarde? Desonesto? Individualista? Ou, talvez, mais firme do que pensava, mais duro? Aqui todos os dias os esquemas da gente são destruídos, e a flexibilidade, a amplitude e a retidão têm que primar necessariamente na nossa conduta, sob pena de se cair na loucura e na angústia. Mais do que nunca é preciso ter bem claro o que disse Fucik: "Vivemos para a alegria, pela alegria fomos ao combate e por ela morremos; que a tristeza nunca se misture com o nosso nome".⁽⁴⁰⁾ Tomara que algum dia possamos dar esta experiência em forma positiva para a sociedade. Bom, fico por aqui porque ando atrasada de novo na entrega da carta. Beijos grandíssimos para todos.

Flávia.

Segue pacote com presente para Ana de Mayo.

(40) Referência ao livro de Julius Fucik, "Testamento sob a Força".

Querida família:

E aqui estou; mais uma semana que passou nesta nossa vidinha de prisão sem acontecimentos. Recuperada de um ataque de asma fortíssimo, que me deixou três dias de cama, ao melhor estilo de quando tinha 14 anos. Estes dias de descanso serviram para dormir (é incrível, mas tinha necessidade de "não existir" mentalmente por algum tempo; a tensão diária que agüentamos...)(41) E vivemos o processo com toda naturalidade; isso obriga à convivência com um núcleo "forçado" de 14 mulheres, o que impõe toda uma disciplina, contenção, etc., o que a longo prazo desgasta), e também para ser mimada. Só comia se vinha comida gostosa, chazinho com leite na cama... coisas da vida. Quando fiquei boa comecei a pensar e cheguei à conclusão de que quando se está preso surge uma espécie de preguiça mental que vai invadindo a gente, pouco a pouco, sem que se dê conta. Começa a se manifestar por pequenas perdas de memória, e depois quando a gente prefere ficar costurando ou brincando com as outras e não agarrar um livro. Isto no meu caso se agrava pela minha dificuldade em falar; às vezes a minha língua se atrapalha e articulo as palavras com dificuldade, o que limita a minha capacidade de expressão e, quase por reflexo, me deixa um pouco mais lenta nas análises, etc. Por isso decidi ler continuamente. Como estava seguindo com dificuldade os nossos primeiros estudos (eu, individualmente, Economia e ensaios sobre América Latina, e com as outras, Battle) decidi, para não perder tempo, ler nos intervalos livros que sejam úteis, mas simples e atraivos. E me meti em cheio em Erich Fromm (leitura típica de presos, aliás), "A Arte de Amar" e "O Medo À Liberdade". Recomendo estes livros como excelentes; completamente diferentes do tipo de psicologia clássica (de "adaptação" e padronização do indivíduo), e relacionando tudo com o tipo de sociedade atual, etc. Muito interessantes mesmo. Para papai recomendo que leia um do Quijano Obregón, "Neo-Imperialismo, Nacionalismo e Peru", que coloca uma série de conceitos novos (pelo menos bastante novos para nós), que gostaria de discutir com ele. Bom, já falei bastante sobre livros. Valéria não poderia vir a uma visita de crianças? Seria bom poder conversar também um pouco com ela. As gurias ficam loucas com a *Schilling pequena*. Andréa não mudou muito. Faz lembrar um pouco de mim quando eu era pequena, não? É claro que é muito mais terna e carinhosa que eu. Mais gatinha. Jorge: aprovado por unanimidade e com aplausos eufóricos a tua tese de que "a esperança é a última que morre" (...) (42).

Da operação plástica ainda não sei nada. Estou tecendo meias com a lã azul de Andréa. Vão ficar um luxo! Papai, ainda não me deram 5 livros. Manda dizer sempre os títulos (...) (43) e se não me dão, têm que te devolver. Mando roupa de verão. Sobre os problemas econômicos e outros que temos aqui, acho que todos dizem respeito à mesma coisa; nossa pele. Nem uma notícia do Magrinho e naturalmente estou mais do que preocupada. Quase um mês sem notícias. A esta altura a única coisa que me importa é que o Magrinho não se tenha quebrado. O resto eu vejo depois. Sabem como chamamos os companheiros de *Liber?* (44). De *terros carecas*. E nós somos as *bruxas*. Já temos uma porção de canções nossas para os terros queridos e dos terros para as bruxas de Punta. Meus queridos, mando para vocês a letra de uma das músicas. Muitos beijos enormes para todos. Estou começando a me inspirar pro presentinho de Jaci.

Os companheiros do macacão
os da careca raspada
os que deixamos um dia
ao chegar a madrugada

Percebemos seus segredos
na maneira de olhar,
carregados de esperança

Chimarrão e chimarrão em cada cela
empurrando as horas pesadas
e o mar fica imenso para eles
o céu fica mais aberto
e o vento traz de longe
o que estas nuvens ocultam;
os companheiros de macacão
com gorro e alpargatas.
Os que nos dão combustível
quase toda semana
e ficam pensando em nós;
caramba, que coisa estranha.
Saibam disso terros queridos,
as bruxas também têm saudades.

De repente chega o tão esperado
no portão um ônibus branco
traz envelopes aos montes
com um letreito da ONDA no lado.

Se alvoroçam vários setores
é este o correio esperado
e correm de boca em boca
notícias dos nossos *pelados*.

Mas que fique o entusiasmo de lado
indispensável continuar o que foi começado
ainda que o caminho seja longo
a luz está nos esperando:
haveremos de trilhá-lo juntos.

Certo, está custando
mas a semente dará frutos
o caminho se faz é andando.

Tchau! 074

Flávia Schilling

Música: o homem do macacão
Advogado: *please*, que se mexa.

(41) *Censurado*

(42) *Censurado*

(43) *Censurado*

(44) *Os companheiros tupamaros presos no presídio Libertad.*

Querida família:

Esta semana não tenho muita coisa para contar-lhes por carta. Além disso, como vamos encontrar-nos, fico um pouco preguiçosa. De novo Jorge causou má impressão entre os que nos cuidam de qualquer contaminação com a política. Genial a preocupação destas pessoas! Não acham muito louvável tamanho zelo? Mas acho que também não gostaram (...) (45).

Fui ao cirurgião plástico quarta-feira. Me espetou toda na cicatriz (irrigação com cortizona e Xilocaína). E imaginem como fiquei: tiveram que dar-me dois calmantes. Depois dessa, renuncio oficialmente e *for ever* à Medicina. Se estas irrigações (vão fazer três) não funcionam, vou-me operar de novo. Estou sumamente brabíssima com meu querido concubino: está em "Libertad", porque teve visita terça-feira (da outra semana). Vamos ver se o problema das cartas é do correio ou "falta de tempo". É, naturalmente, burra e mansa como sempre, nem sequer me descontrolo ou enlouqueço, simplesmente espero. Bom, esta semana me dediquei a Bertold Brecht. Li uns seis livros dele. Já começou a funcionar a biblioteca. A cantina também está funcionando. Não é que eu tenha parado com o *manda-mais*. Não temos muito gasto, e como tínhamos um estoque de sabão, pasta de dentes, etc., isto, que é o gasto mais importante, não criou nenhum problema.

Estou trabalhando 4 horas na granja. Como devem imaginar, no fim do dia estamos meio mortas, e com grandes bolhas nas mãos, mas é genial. Vamos à granja grande que, logicamente, está divina. Segunda-feira estive lá toda a manhã e espiava para ver se encontrava alguém, mas a esta altura da vida não vejo bem sem óculos, de modo que não pude distingui-los. Por favor, façam todo o possível para que Barreiro seja co-defensor e que ele fale com Gigena para ficar também como co-defensor do Magrinho. Assim não aconteceriam coisas como a de termos ficado completamente sem notícias depois da transferência. Além disso, o momento é propício para tentar alguma coisa com as tipificações. Embora isso já seja completamente secundário a esta altura da partida. Acho que a Valéria está muito preguiçosa para escrever. Vamos ter que brigar, hein? Terminei as meias azuis e ficaram geniais.

Meu pulôver azul está por aí? Prefiro trocar o branco ou o cinza com decote em "V" pelo azul, que é bem grosso. Mudei do couro para o tear. Dizem que sou um ás em tear. Mas só dizem. Continua sendo solta gente daqui. É que a maioria já vai completar um ano de prisão. Agora, aqui na cela, estamos dedicadas à fabricação de doce de casca de laranja. Fica um luxo! Nada de amargor.

A cantina é um sarro: é uma cantina típica de prisão de mulheres; dois ou três tipos de desodorante, dois ou três tipos de sabão, xampu para todo tipo de cabelo, talco. Também vão comprar creme para as mãos, para a cútis, colônias, etc. Podemos escolher sabão para lavar, e diferentes tipos de doces. Bem-vindo será o bolo da mamãe. Os doces fazem a felicidade de Punta Rieles, no pôr-do-sol das segundas-feiras. Aí vai um presentinho para Norinha. Um brinco meio estrambólico; se não agrada mando outra coisa. Escrevam na carta para o Magro, porque hoje não estou com muita inspiração, digamos, e não consegui colocar nada aproveitável. Bom, me despeço de vocês por aqui com milhões de beijos. Sobre o horário de visitas nenhuma alteração porque estão todos muito ocupados. Um abraço apertado. Fla.

Como estamos numa etapa de arrumação na cela, peço fazenda para as cor-

tinhas de um armário que fizemos com caixotes. O que é que estão pensando: que só vocês têm armários?

(45) *Censurado*

31 DE MAIO 73

Família querida:

Oi! Hoje escrevo enquanto se comemora o aniversário de uma guria (27 anos, mas pela altura dela dizemos que está fazendo 7), o que prejudica bastante a minha concentração para escrever. Daqui a pouco vamos ter canções típicas bem a nossa moda. Como podem imaginar, fiquem sabendo que as músicas do outro dia foram cantadas em português especialmente para a família Schilling, a mais popular da prisão. Quando vocês chegam, a agitação no setor é geral. As más línguas já começaram a dizer que o papai está engordando e que um escritor com pança não é romântico (!!!). Mas isso é o que dizem as más línguas. Eu não me meto. Sabes, mamãe, que nós transplantamos acelga? Fazemos com ela o mesmo que com a alface (apesar de que nem sempre é necessário fazê-lo, porque depende do método que se use para semear). Esta semana não se trabalhou: choveu todo o tempo. Me lembro, naturalmente, da casa da avó. Tinha um jardim lindo. Que tempos bonitos! Morro de curiosidade pensando em conversar com a Valéria. Que sementinha de maldade plantou em mim a gata dos olhos azuis! Toda semana me deixa com a insinuação de um segredo que promete contar. É verdade que se começo a pensar descubro logo o que é. Mas como sou boazinha (por ser boazinha, precisamente estou onde estou), não vou adivinhar, tá? Morremos de riso com a disciplina de doente da Valéria: o único ponto em que obedeceu ao médico foi em não estudar. Mas espero que diga isso só de brincadeira (não?).

A carta chegou intacta esta semana o que me deixou muito contente. Que bonito viajar. Quando sair daqui, vamos passear pelos nossos pagos? Gostam da idéia? Dia 27 a exaltação foi total na prisão. Mas a esta altura dos acontecimentos o ceticismo é tal que ninguém leva a sério a coisa: é tudo na brincadeira. Mas vejam bem: disse ceticismo, não pessimismo; a expectativa é total, mais do que nunca, porque as contradições nunca estiveram tão candentes. Cláudia também foi decepcionante: falar de teatro, quando a única coisa que temos de arte aqui é a gloriosa e afamada oficina *La Chapita*, do setor B, cela 6 (já inaugurado oficialmente) e as verdadeiras *maravilhas* que fazemos em trabalhos manuais, além, claro, da própria beleza em forma de música que é o Conjunto de Vozes de Ouro do "B". E logo nós que gostamos tanto de teatro! Para a Andréa, uma porção de beijos pelo seu senso de humor.

Pai: nós também achamos que a posição do Quijano Obregón é até meio estranha, e por isso é que disse que estávamos loucas com o livro: não nos pareceu correto. O que achas do livro de Sonis, "Apogeu e Decadência do Batllismo"? Não poderias conseguir "Uruguai como Problema", de Ferré, e

"História dos Orientais", de Carlos Machado? A teoria do neocapitalismo do Obregón é analisada pelo Celso Furtado no seu livro "O Poder Econômico dos EUA". Analisa todo o problema das corporações supranacionais e outras monstruosidades que nos deixaram de cabelos em pé. *La pucha* se vai ser difícil vencer todos estes interesses econômicos! Recomendo de novo, porque é importantíssimo, o livro de Fromm "A Arte de Amar". Acho que todos vão gostar, também a Valéria, que já deve ter toda a sua responsabilidade preparada para este tipo de livro. É simples, muito lógico e bem concebido. Do Magrinho, naturalmente, nem uma palavra. Esta semana fiz para presente um ratinho que ficou genial. Vocês vão gostar. Provavelmente a minha próxima criação será uma boneca destas com pés e braços bem grandes, bem bruxa (como nós). A canção "Os companheiros do macacão" tem a música de "O homem do macacão", que era cantada, acho, pelo Zabalero. Quando vierem, vou pedir às meninas que a cantem para vocês. A Andréa tem a solidariedade de todas as habitantes de Punta em sua luta contra o professor. Persevera e vencerás! Bem, despeço-me por esta semana, com milhões de beijos e lembranças a todos os amigos. Tchau!
Fla.

6 DE JUNHO 73

Querida família minha:

Outra vez mudaram o dia de cartas (escrevo quarta-feira) e acabam de nos avisar (são 18h30min) que a hora da entrega é 22h. Não entendo isso, porque às vezes na quarta nós ainda não recebemos as cartas que vocês escreveram na segunda. A verdade é que assim perdemos a possibilidade de mandar muita fofoca interessante. E eu que pretendia entupi-los, esta semana, com uma filosofia barata que andava me roendo por dentro. Agora, com a pressa, nem lembro o assunto da filosofia. Adorei a carta de Jaci. É a própria ternura em forma de sogra, não, Cláudia? Semana que vem vai carta e presentinho para ela. Como é possível que as minhas duas irmãs mais moças, brilhantes estudantes, de memória excelente, não se lembrem sequer dos mais mínimos detalhes da nossa apaixonante entrevista do domingo? E isso depois de deixar a irmã ovelha-negra-e-perigosa completamente traumatizada pela altura e pelo físico da mais moça? Não, não poderia agüentar vê-la de pé ao meu lado e me sentir tão, mas tão magra, baixinha e vários etcé-taras. Essa falta de memória não tem sentido.

Nada do Magrinho. O dia que chegar alguma notícia dele talvez tenha um colapso nervoso e cardíaco, tudo junto, pela emoção que vamos sentir. Digo vamos porque o sofrimento é compartilhado aqui pelas amiguinhas que nunca me deixam só. Sabes, Cláudia, não tenho nem tempo para ficar louca pelos meus problemas. Comentava, brincando com uma das minhas amigas mais chegadas, que cada uma devia tirar um dia para viver a neurose a fundo, pelo menos para saber como é ficar louca. Mas a verdade é que não vale a pena perder o tempo com estas idiotices, não acham? Pois eu queria filosofar um pouco precisamente sobre a loucura, e deixo vocês em suspense (vejam como sou ruim) até a semana que vem. É preciso trabalhar, em Punta.

Por favor, uma companheira desesperada clama pelos apontamentos do Ciclo Básico de Direito sobre História das Idéias, e pelo programa do Ciclo Básico. Não esqueçam! Urgente! Ela me leva à loucura por estes apontamentos. É preciso acalmá-la de alguma forma.

Continuo estudando e trabalhando; as “mãos de ouro” do tear. Mas não se pode fazer trabalhos particulares no tear porque ele é usado só para a produção. Incrível, papai, já passaram nove anos de vida no Uruguai. A importância da minha vinda é imensurável. Se não tivéssemos vindo eu seria uma burguesinha frustrada, humanamente do tamanho de um mosquito, com o egoísmo como lema, e uma incapacidade total de dar e amar. O mesmo teria acontecido a toda nossa família. É muito o que se pode aprender com uma experiência, quando existe capacidade de assimilação e amplitude! Todos nós mudamos muito nestes anos. Jorge é um exemplo (desenvolveu, já, tudo o que tinha de bonito e superou as coisas ruins?). Cláudia tem suas duas caras, sobre o que depois vamos conversar exaustivamente. Sobre os demais comento na próxima semana, para fazê-los sofrer enquanto não sabem que nova barbaridade vou dizer, tá? Segue carta para o meu cabeça raspada.

Flávia.

Parte 4 — Desespero

Neste ponto, junho de 1973, Flávia foi retirada do presídio de Punta Rieles e levada para sucessivos quartéis, com suas companheiras. Era considerada como uma das **perigosas**, segundo um critério de escolha dos mais absurdos. Foram punidas todas as que haviam sido feridas no momento da prisão e que apresentavam seqüelas — em quase todos os casos, graves — dos ferimentos; ou seja, exatamente aquelas que necessitavam de uma maior assistência médica.

A tremenda experiência (que Flávia descreve em parte nas próximas cartas) se prolongou por mais de três anos. Regime de calabouço, incomunicação total, humilhações e provocações de todo tipo (inclusive, em duas oportunidades, tremendos castigos corporais), transferências constantes e sem prévio aviso de um quartel para outro, faziam parte de todo um plano traçado pelos psicólogos do regime militar uruguaio, cujo propósito era levar ao aniquilamento psíquico os presos considerados "irrecuperáveis". Devido a este tratamento desumano, cerca da metade dos presos da penitenciária de "Libertad" (aproximadamente dois mil) sofrem graves transtornos mentais. Além disso, Flávia e suas companheiras (como os dirigentes tupamaros presos) eram considerados reféns a serem executados no caso de algum atentado contra oficiais das forças armadas. Isso ficou comprovado quando o coronel Ramón Trabal foi assassinado em Paris por um falso "Comando Raúl Sendic". Hoje tem-se como certo que Trabal foi morto pelos próprios serviços de segurança uruguaio, porque havia evoluído para uma posição peruanista, tendo inclusive estado clandestinamente na cidade de Lima. Segundo tudo indica, seus executores foram os mesmos que mataram, em Buenos Aires, os senadores Zelmar Michelini e Gutierrez Ruiz, além de vários militantes tupamaros. É possível também que esteja vinculada a este episódio a destituição e prisão do general Amaury Prantl, chefe dos serviços de inteligência, que ocorreu há vários meses sem ter sido, até agora, divulgada no Uruguai.

Durante três semanas, Flávia e outra presa, Alba Antúnez, foram submetidas a tremendos castigos corporais e psicológicos no IV Regimento de Cavalaria. Torturas, espancamentos coletivos dos quais participaram vários oficiais em cada oportunidade, fuzilamentos simulados, etc.

Nas próximas cartas, Flávia aproveita todas as brechas deixadas pela censura (em alguns quartéis havia certo liberalismo, fruto, ainda, da divisão entre os militares) para tratar de contar sua experiência, que faz pensar nos métodos usados pela Gestapo. (P.S.)

FLORIDA, QUARTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 73

Querida família:

Estou bem — bem cansada, como podem imaginar. Tenho um milhão de coisas para contar, porque na carta anterior, achando que não iam recebê-la, fiz só uma divagação. Nos levaram de Punta, quarta-feira dia 20, com destino ignorado. Com a amabilidade que caracteriza o estabelecimento, não houve uma palavra de despedida. Fizeram uma ficha e pensei: "Zás! Trans-

ferência". Depois, a ficha médica. E me fizeram aprontar todas as coisas. Os chefes, naturalmente, nem apareceram aquela manhã. Deviam estar com medo de um amotinamento, ou coisa parecida. E lá fomos as vítimas da neurose da Punta: primeiro, Alba Antúnez (minha irmã!) e Estela Sánchez; depois Jessie Maceki e Grazia Dri por um lado, e Cristina Cabrera e eu por outro; finalmente, Raquel Dupont e Elena Curbelo. Deve ter havido outro grupo com a Lucía Topolanski no lugar de honra. Era a máfia completa. Parece que para justificar a medida, fizeram correr o boato de que planejavamos uma fuga. Coisinha de nada, o boato, hein? As gurias literalmente subiam pelas paredes. Quando fomos levadas, naturalmente, toda Punta Rieles estava nas janelas. Mares de lágrimas. Trouxe tudo. Me deram outro cobertor de presente, uma xícara, um ponche; felizmente as duas trouxe mos livros. Tenho um soutien (porque a roupa que estava lavada e molhada ficou lá), um par de luvas de lã, um gorro, uma boina. Trouxe também bolachas e algumas frutas, porque pensávamos que íamos para o interior (Paso de los Toros). E aqui estou. O calabouço é pequeno, calculo que 1,5m por 2,5m. Tenho uma cama, um armário pequeno que serve de mesa, e uma cadeira. Há espaço para caminhar (cinco passos, ida e volta, cinco passos). As paredes estão pintadas de azul, teto branco, uma janelinha com oito vidros pequenos, cobertos com tinta branca, pelos quais brinco de adivinhar como está o dia, que cor terá o céu. Por um dos vidros, vejo uma árvore. Acho que quando sair vou sentir terror aos espaços abertos e às multidões (se continuo muito tempo aqui). Não temos recreio, e só saímos do isolamento para ir ao banheiro. Tomamos banho uma vez por semana, porque aqui não há água quente e é preciso levar-nos à enfermaria. Nunca vejo a Cristina. Para não esquecer minha voz, canto, porque o que falamos com os carcereiros se reduz a "preciso passar ao banheiro", "obrigada", "apague a luz", etc. Valéria não me diz nada do presente, um painel bordado. Se não recebeu, posso chegar a morrer de raiva dos guardas de Punta. Não mandem a garrafa térmica. Aqui não há quase possibilidades de conseguir água. E tomar chimarrão sozinha é muito triste. Papai que mande dizer quantos anos completa. Os chinelos que tinha ficaram em Punta; as gurias ficaram de lhes mandar num pacote na segunda-feira, para que vocês percebessem, porque eu já não estava lá. Peço também que troquem os chinelos por número 36, porque estavam grandes. Estive pensando de novo em estudar. Entre as transferências, os interrogatórios e as confusões que aconteciam em Punta, ficava-se sempre entre um estado de cagaço generalizado e outro de fúria, o que não permitia que ninguém se concentrasse. Mas agora se apresenta a atual perspectiva como algo a longo prazo e — deixando de lado o fato de que posso morrer antes de passar o resto da condenação sozinha — tenho todo o tempo do mundo para estudar. Pensava no curso de Psicologia Infantil da Universidade, porque é curto e bem concreto. Não acho que a Pedagogia dada na universidade seja boa e vou estudá-la a meu modo, embora seja anárquico. Quer dizer que vocês podem enviar tranquilos todos os livros sobre o tema que possam conseguir: prometo fazer exames de psicologia e aproveitar a coisa ao máximo. Pedi numa carta o meu arquivo preto. Os imbecis da Punta (parece que estou meio sensibilizada com eles, não?) apreenderam justamente a carta mais importante. E só para encher o saco, *of course*. Nela eu falava do namorado de uma companheira, Luzardo, morto depois de 10 meses de luta. Foi chorado por toda Punta Rieles. Mas estava em todas aquela sensação de que era um morto não-morto, que só havia desaparecido fisicamente, porque o que ele foi está mais vivo do que nunca. Algum dia vou-lhes contar muitas coisas

sobre ele. Um companheiro: um *tupa*. E dizia na carta que a semana que havia passado tinha sido dura: dois mortos. Um, morto fisicamente; o outro, morto moralmente. E é este último que está realmente morto. O outro só nos deixou. Dizia que não estava triste por mim, porque tivesse perdido meu marido, porque estivesse sozinha (porque não estava sozinha, nem estou). Além disso, eu estou inteira, não me quebrei. só obedeço à minha própria cabeça e meu coração. Estou definitivamente melhor e mais firme do que nunca. Só estou é muito triste; porque não pode haver nada mais doloroso do que ver um homem, que poderia ter sido um homem, perder de tal forma o respeito por si mesmo. Transformar-se de tal modo num individualista outra vez, depois de uma prática solidária de vários anos. A solidação atual do Magro (se realmente aconteceu o que imaginamos) deve ser esmagadora. Não só me perdeu, e a seus companheiros, mas se perdeu a si mesmo, e isto me deixa chorando. E de toda esta reflexão, veio o que pus para vocês na minha última carta. Não me endureci: apenas vejo as coisas como são e as enfrento. Me acompanho a mim mesma por meio de análise e trato de mastigar e aproveitar *todas* as experiências vividas. O que aconteceu com o Magro foi a prova de força mais dura que tive desde aquele momento, às nove e vinte e cinco da noite, em que um senhor à paisana, moreno, de bigode à mexicana, tirou seu P38 e disse: "Contra a parede, braços levantados". Isso porque, como vocês diziam, um companheiro é o melhor apoio que temos nas horas difíceis. Quando insistiam para que falasse, sempre pensava a mesma coisa: "O Magro, vocês, a organização, eu, todos me depositaram confiança, e não posso falhar." (46)

Bem, mudou bastante a situação. Desde 27 de junho escuto marchas militares o dia todo, como na *guerra* de fevereiro. Vamos ver se comentam alguma coisa sobre isso. Sei que há problemas com o poder legislativo. Não sei como terminou mais este capítulo da emocionante novela "Cristi e Bordaberry: seus ódios e seus amores". (47)

Não preciso nada de especial; mandem sempre livros (com bom conteúdo) e lã. Restos não, porque tenho. Aliás, não tenho nem recheio, nem tesoura para fazer os bonecos. Se conseguirem linhagem, vejam um motivo bonito para bordar. Eu pensava no galo do Festival da Canção do Rio. Se alguém pode ampliá-lo e mandá-lo colorido, seria bárbaro. Bem, por enquanto não me lembro de mais nada. Um abraço grande para todos. Flávia.

P.S.: Aprovo a compra do toca-discos. Adoro música! Feliz aniversário, Valéria e papai. Quando é o aniversário do Jorge? Mandem uma revista com fotos bonitas para recortar. Aqui há um preso de Libertad: o 77. Não sei quem é. Esses bonecos foram feitos no hospital. Tchau!

(46) *Esta dramática explosão de Flávia ocorreu ao saber que o Magro havia "afrouxado", cedendo diante dos seus torturadores. Sua resistência estava vencida, depois de meio ano de torturas permanentes. O duro julgamento inicial de Flávia se tornou mais moderado, posteriormente, ao saber das terríveis condições em que se deu a capitulação de Rubén.*

(47) *O Exército havia tomado o poder seis dias antes, fechando o Congresso e transformando o presidente Juan María Bordaberry numa figura meramente decorativa. (N.T.)*

QUARTA, 11 DE JULHO DE 73

Oi!

E aqui estou, muito braba com vocês porque não dizem nada sobre o Magro na carta de quinta-feira passada. Pelo menos ponham: "Nada de novo sobre Rubén". E fico tranqüila. Não esperem visita nenhuma para dizer as coisas, porque as visitas serão raras enquanto eu estiver aqui. Isto é, se houver alguma. Mas não há problema com as cartas. Podem escrever tranqüilos. Pensaram na possibilidade de falar com a Clotilde? Hoje estou dispersa para escrever, porque faz três dias que há gente nova por aqui. Estão de pé, e a cada momento recebem ordens, ou de levantar os braços, ou de abrir mais as pernas, ou abaixar bem o capuz, etc. Isso não cria, digamos, um ambiente inspirador para escrever coisas bonitas em cartas lindas. Não acham? (48) Dizia que não mandassem frutas, porque aqui dão laranja ou bergamota todos os dias. Aliás, como aqui não temos nenhuma atividade que desgaste, é preferível comer pouco, inclusive pela digestão. Isso faz parte da "disciplina" do calabouço, tanto como a ginástica, caminhar pelo menos uma hora por dia, não ler tudo de uma só vez, e combinar trabalhos manuais com a leitura e a divagação. Não dormir sesta, para poder dormir bem durante a noite. Pedi as bolachas só para substituir o pão, que é bastante indigesto. Esta semana mandei as bolachas e o queijo para Pichiruchi, (49) no calabouço ao lado do meu, e que estava com uma diarreia feia. Pude falar com ela uma ou duas vezes, o que nos fez um bem bárbaro. Nos abraçamos com uma alergia de quem não se vê há dois anos. Hoje vão levá-la ao hospital e dizer quando a operam de novo. É evidentemente campeã de todas as *recauchutadas*. É incrível. Tem duas costelas a menos, perdeu metade do fígado, a ferida do fígado está aberta e drenando constantemente e tem um ânimo bárbaro. Mandem dizer sempre se recebem tudo o que mando. A semana que passou (agora a semana começa na quinta) foi de grande inspiração criadora da minha parte. Um belo dia estava lendo sobre Artigas, quando me veio à mente a imagem de um cachorrinho feito dos restos de couro que tinham enviado para mim. Assim nasceu "Cristóvão". É para Jorge, de aniversário. O rabo vai junto; lembre-se de colá-lo na parte inferior para que não se abra tanto. "Cristóvão" é a coisa mais doce que fiz na minha vida. Quanto à razão do nome — idéia minha — perguntem o que acha algum psiquiatra. Os passarinhos são para os casados da família. E o porta-óculos, para mamãe; mas se ela quiser dar de presente para alguém já tem a minha autorização. Fiz uma boneca de pano, preta, mas dei de presente para uma negrinha de cinco anos que, segundo me disseram, ficou com um grande complexo porque a boneca é "igualzinha a ela". Estou ofendida com a Valéria, que pergunta se o maravilhoso quadro que mandei foi feito por mim mesma ou se "me ajudaram". Sacana! Tirei o desenho de uma gravura e fiz o quadro *sozinha*, sabe? Quero ver se já o puseram na parede, e onde. Imagino que está certamente no lugar mais privilegiado da sala de estar, nãoãã?? Mandem dizer o que querem que eu faça para a "decoração da casa", de que cor, o que pode cair bem e o que não. Posso fazer uma toalha de mesa com linhagem bordada, etc. Agora estou fazendo uma tolha de mesa com flores de crochê. Vai ficar ótima. Peço algo de primeira necessidade, por que posso enlouquecer: um calendário pequeno. Ainda não sei que meses têm 30 e quais 31 dias, e estando *sozinha* aqui me desespero quando chega o fim do mês. Por exemplo, junho, ainda não pude estabelecer quantos dias teve. Nem pelos dias, nem tomando como base 31 de dezembro, o único que sei

com segurança. Para Andréa: se serve a pomba, eu lhe poria o nome de Mona Lisa. Por quê? Não tenho a menor idéia. Foi a idéia que tive. Por que dizes que até outubro não vais me ver? Não permitem visitas de menores de 12 anos? Quer dizer que vocês acham que nós vamos ter que agüentar isso aqui até outubro? (50). Pois agüentamos. Faz pouco eu conversava com a Cristina sobre os companheiros de "Libertad" que estão no segundo andar. Estão como nós, com a única vantagem de uma janela e 30 minutos de recreio. É preciso ser de ferro para não enlouquecer, não acham? Gostei do livro de Artigas. Superando o primeiro horror do nome dos autores — três monstros — o livro é bastante interessante. Aprendi bastante. Li também, pela segunda vez. "Carta a uma professora". Ganhei de presente, ainda na Punta, uma "bíblia" chamada "Poesia Seleta" de Antônio Machado. Puderam levar os sapatos para Miriam Olivera? Têm certeza de que Cláudia e Jorge estão bem, não é? Há duas cartas, já, que não me escrevem. Estou tomando os remédios que mandaram. Genial! Tomo *Redoxon* um dia e um dia cálcio, para equilibrar. Também trouxe um inalador da Punta. Ontem morria de riso lembrando de uma coisa realmente interessante e digna de se analisar: a relação que nasce entre interrogador e interrogado. Se vocês leram "J'Aven" entenderão logo a colocação. Geralmente, há um oficial destinado para cada preso. No *Sexto* eram "equipes" de interrogadores que faziam rodízio a cada semana: equipes mais "duras", mais "moles", etc. Aqui, cada oficial se especializa num preso, em procurar seu ponto fraco. Isso é mútuo: o preso também procura o ponto débil do seu torturador, e em poucas horas se cria uma relação de dependência entre um e outro. O preso fica angustiado e inseguro quando muda de torturador. Cria-se uma relação de simpatia, no sentido grego da palavra (viram que culta?), de sentir junto, de sofrer um com o outro. No meu caso isso aconteceu; e de uma maneira muito mais clara com o que me deu o balaço. Por parte dele, uma necessidade imperiosa de me contar o que havia sentido, o que havia pensado, que reação teve. E saber como havia ficado eu, também o que havia sentido, por que havia atirado a bolsa na sua cara. Na Região (51) a mesma coisa. De início me disseram que o encarregado de me interrogar era o "Negro" e o jogo já começou aí. Ficava com raiva quando outro se metia no meu interrogatório, e o mesmo acontecia com ele. Me sentia pior ainda num interrogatório quando falava o Negro, mas havia outros seis escutando. Inclusive porque quebrar as perguntas e conversar fiado com um só é mais fácil do que com três, quatro ou seis. Ainda que a palavra pareça estranha, existe mais "intimidade", o que humaniza um pouco a situação, personaliza. Cria uma sensação de segurança. Em seguida a gente percebe a forma de ser do outro e não há grande margem de supresa.

Vocês se lembram da namorada do Jorge Tung? Ela está por sair em liberdade e eu insiti que fosse conversar com vocês, porque a família dela é insuportável, não a apóia, seu pai vai à visita e fica em silêncio, ela só é criticada: se vai aí em casa pelo menos passa um momento agradável. Que acham? Ela é divina, uma gordinha muito terna. Gostaram da poesia que mandei junto com o presente para Valéria? É de uma companheira importante para mim, pelo problema do Magro. É a companheira de Rodriguez Amestoy, que morreu num tiroteio em agosto de 72, junto com outros dois. Bem, por enquanto não tenho mais nada para dizer. Um beijo grande para todos.

Flávia.

(48) Referência a uma das torturas no quartel. O "plantão", que consiste em

deixar os presos de pé durante horas ou dias, com as pernas abertas e os braços levantados. Os ruídos do "plantão" chegavam até o calabouço de Flávia e se transformavam numa tortura adicional para ela.

(49) Apelido de Cristina Cabrera Bidegain, que a acompanhava no Batalhão Florida.

(50) A situação de incomunicabilidade nos quartéis era tão terrível que Flávia não podia admitir que se prolongasse até outubro. Na verdade, a etapa dos quartéis se prolongou por mais de três anos, numa demonstração de alto nível de sadismo do regime militar uruguaio. Flávia e as suas companheiras de isolamento só voltariam a Punta Rieles em dezembro de 1976. Foram três anos e meio de calabouço e incomunicabilidade.

(51) O comando da Primeira Região Militar.

QUARTA, 18 DE JULHO DE 1973

Recém percebo que hoje é a data nacional. O toque de alvorada foi às 7h30min, e até comecei a pensar que o relógio tinha estragado. Tento lembrar o que aconteceu a 18 de julho. Sei o que li no livro de Artigas, sou capaz inclusive de lembrar com que tipo de letra estava escrito, mas não sei o significado do 18. Sei que é por algo sem maior importância. Vou ter que pedir o livro à *Pichiruchi*, porque se não, posso morrer de angústia existencial. Sei que este não é bom começo de carta, mas o que posso fazer: cada louco com sua mania, não? Escrevo entre um espirro e outro. Não é resfriado, mas uma estranha alergia. Uma média diária de três lenços reflete, cabalmente, a intensidade do fenômeno. A causa — o fator que o determina — é o calabouço, porque basta sair daqui (para ir ao banheiro, claro) para que desapareça imediatamente. Deve ser a forma psicossomática que encontro para descarregar as tensões. Ainda não a tinha descoberto. Na Punta havíamos visto todo tipo de descargas: desde o clássico ataque de histeria (ver Freud), da angústia oral (comer), a queda do cabelo, os ataques de caspa, até as manias de fazer presentes (todo mundo fazendo trabalhos manuais: isto também era uma forma de evasão). Minha asma, muitas vezes, se deve a isso. Dias depois do episódio do Magro, eles levaram a negra Alba. Fiquei com tanta raiva que não bastou agredir fisicamente a todo e qualquer guarda que estivesse ao meu alcance. Veio o ataque de asma. Passei 1971 e 1972 sem sequer lembrar que existia essa doença. Só explodi no Sexto, uma semana em que não tive notícias de vocês. Em 72, apesar de estar na clandestinidade, não havia problema. Estava com o Magro. Passávamos momentos de estado superencagaçado, mas com a atividade diária e a nossa convivência excelente, as tensões frustrantes não tinham nenhuma possibilidade. Bem, vocês já se terão dado conta de que hoje não tenho nada para contar, porque não aconteceu nada. Foi uma semana cor-de-cinza, toda ela. Mas a verdade é que tenho tanto terror às transferências, porque nunca se sabe onde se vai, nem para o que — é a transferência, que nem me importa muito ficar mais um tempo aqui. Na Punta, bastava aparecer um "camelo" para que corrêssemos e tocássemos em madeira. Eu e a Negra já nos sentíamos condenadas. Já tí-

nhamos sido transferidas outras vezes e não gostávamos nem um pouco da idéia. Sabem, no momento em que recebi a linda e saborosa torta que me mandaram pensei: esta coisa tão gostosa só pode ter sido feita pela Andréa! Tive que lutar por ela, porque quem trouxe as coisas já tinha intenções de devorá-la. Que não seja a única vez, irmãzinha. E o doce de abóbora estava genial. Parece que estou ficando esperta. Quando disse que queria bolachas malteadas, era só por gula! Quer dizer que podem ser austeros, tá? Já percebi que a Valéria está em grandes farras. Acho ótimo: um beijo muito especial para ela. Andréa, não renuncia à pomba. Se ela vai comer no vizinho, muito simples: ponham vocês comida mais gostosa. Como não deve ser nenhuma abobada, ela vai escolher bem. Não? Parece que papai está ocultando sua idade, ah, ah! Deus ouça o que dizes na tua carta. Deus e alguns milicos por aí, não? Cláudia, tens certeza de que Jorge completa 26 anos? Se há apenas um ano atrás tinha 24! Não se estará fazendo passar por veterano? Fiquei enlouquecida com Henri (como vêm, já somos íntimos, até nos tratamos de tu). É difícil lê-lo, para mim; muitas vezes não capto a globalidade do que quer dizer. Mando o meu porta-porcarias. É presente de uma que foi solta, dentista, querida, se lhes interessa dou o endereço do consultório. Guardem o porta-porcarias até que eu tenha onde colocá-lo, tá? Estou mandando tudo o que tenho a mais, para não juntar muita coisa. Os óculos, porque quebrou a haste. Tratem de que não fique torcido. Antes um lado ficava mais levantado que o outro e por isso se quebrou. Por duas semanas não mandem papel higiênico. Tenho três, e um basta para duas semanas. A manta se transformou em almofada, por falta de lã, mas não gostei, mesmo assim. Muito bonitas as fotos. Acho que não tenho nada mais pra dizer. Transcrevo uma passagem de "Os Passos perdidos", de Alejo Carpentier.

"...Agora compreendo que a máxima obra proposta ao ser humano é a de criar-se um destino. Porque aqui, na multidão que me rodeia e corre, ao mesmo tempo irrequieta e submetida, vejo muitos rostos e poucos destinos. E isso porque, detrás destes rostos, qualquer sede profunda, qualquer rebeldia, qualquer impulso, é cortado sempre pelo medo. Temos medo à reprimenda, medo à hora, medo à notícia, medo à coletividade que pluraliza a servidão. Temos medo ao nosso corpo, diante das interpelações e dos tentáculos da publicidade; temos medo ao ventre que aceita a semente, medo às frutas e à água; medo às datas, medo às leis, medo às palavras de ordem, medo ao erro, medo ao envelope fechado, medo ao que possa acontecer".

O que acham? Bom, um beijo enorme para todos vocês, e outro também enorme para todos — Tá? Tchau.

Flávia.

P. S. Mandaram a minha cruz para o Magro?

INGENIEROS, 15 DE AGOSTO DE 73

Antes de mais nada, um beijo tamanho família ao pai, pelo seu aniversário. Continua o azar. Espero que no da mãe haja mais sorte, porque certamente o *doce lar* será outro. Já estou me preparando psicologicamente para o novo passeio. Esta vez não me desagrada tanto. Tentar fortuna por outros lados... *Maminski*, espero que não tenhas saído muito traumatizada da

visita, eu estava bastante nervosa e a verdade é que te usei para desabafar. Tu e todos sabem, que, ainda que por momentos a gente possa estar muito mal, o que importa, que é a moral e o ânimo, continuam inteiros. A verdade é que não tenho muita coisa para dizer, porque confio na visita de sexta-feira que vem. Me ofendi muitíssimo (!!) com o fato de que as gurias de Punta pensassem que estava em *liberté*. Estão completamente ruins da cabeça. Além disso, quando fui ao tribunal vi três delas, cumprimentei, e disse onde estava. Isso me cheira de longe à falta de confiança e a suposições idiotas. Acho que vou ter que puteá-las pra valer. Naturalmente, a espírito de porco deve ser Gracielinha. Tratem de investigar se o problema de calabouços, lá, é sério. Posso assegurar-lhes que as sapatilhas me salvaram a *life*, ou pelo menos salvaram meus pés de ter bolhas. Os sapatos de Miriam foram entregues? Muitos beijos a Ariel. Agora somos mais companheiros que antes, não? Deve estar encantado com o aspecto romântico de ser perseguido... Felicitações às senhoritas pelas notas no colégio. O que posso afirmar com toda segurança é que a senhorita Andréa é uma grande fofoqueira: revelando para meio Montevideu os amores de sua irmã mais velha. Ah! Já vais ver quando Valéria me vingar. A torta de maçã, uma maravilha. Necessito: pasta de dentes, papel higiênico, algodão, colherinhas (não recebi as que mandaram). O resto chegou bem. Sabão de roupa. Nada mais. Mando todas as bolsas, livros, um pulôver, uma calça, dois lençóis, uma fronha. Cláudia, esqueci de dizer o principal do que me perguntaste: o principal é não ter medo deles. E perceber que o mal que te podem fazer não se compara com o mal que fazes à tua consciência e teu respeito por ti mesma quando te entregas. E ver também que quem faz o papel sujo e feio não és tu. Se vens à visita, sexta-feira, podemos conversar um pouco, porque aconteceram algumas coisas e tenho uma idéia mais precisa de tudo para compartilhar contigo. Guardo a bolsa marrom porque vou precisar dela para levar as coisas. Ah, papel de carta, porque no próximo calabouço é quase certo que possamos escrever normalmente. Estou melhor da alergia e não tive asma nem uma vez. Estou comendo com mais vontade, e leio bastante. Guardo os livros de estudo para poder trabalhar com eles *comme il faut* (viram como estou fina?) no meu próximo destino; (...) (52) ainda sem saber que tão, tão sozinha não estou. Fisicamente, é claro. Um beijo grande pra todos.

Flávia.

(52) *Censurado*

SETEMBRO/73

Meus queridos.

Estou desejando ter notícias de vocês. É incrível como me preocupo com estas quedas na comunicação. Segue um presente para o papai. Tomara que goste. E quero trocar este casaquinho pelo cor-de-cinza, porque já começa a primavera e é mais leve. Recebi o pacote na terça-feira de tarde. Saímos de "Ingenieros" quinta ao meio-dia, e a pressa foi tão grande que esqueci todos os remédios lá. Aqui estamos bem. Temos recreio de manhã e de tarde (meia

hora). Estou bordando a toalha de mesa de linhagem. Mamãe, esqueceste que é preciso deixar bainha nos lados, porque se desfia muito. Se possível, mandem mais um pedaço. Achei a Valéria divina, a menina gordinha que ficou mulher (está ficando), e para expressar a sensação que tenho só consigo pensar num botão de rosa que vai-se abrindo. Só peço à Valéria que não se apaixone por si mesma e sempre se lembre que o mais bonito é poder dar alguma coisa aos outros, com total humildade, percebendo ao mesmo tempo que sempre vamos cometer um milhão de erros e que a humildade é justamente a porta aberta que a gente tem para superar as limitações. É preciso tratar de ser sempre melhor, não por orgulho pessoal, mas para poder ajudar mais a todos os que nos rodeiam. Vais dizer que estou botando banca de moralista e que estou falando exatamente como uma irmã mais velha. Falo como irmã que gosta muito de ti, e meu tom não é paternalista, mas companheiro, tá? Faz duas semanas que não sei nenhuma fofoca da ratinha e tenho muita saudade. Minha mãe: está errado isto de não dizer como vai a saúde. É sempre melhor saber as coisas do que imaginá-las. Na última visita não vi meu pai contente. Tinha os olhos preocupados. Sabem o que sempre desejo? Que vocês estejam bem e sejam felizes. Se eu, que estou em cana, encontro uma porção de coisas que me dão felicidade, muito mais vocês, que estão juntos, e podem fazer a cada momento a experiência de aprender a compartilhar tudo o que vivem, de bom ou de mau. Vou avisando desde já que não quero saber, quando forem para casa, que uns fiquem lendo num lugar e outros noutro, vendo televisão. Vamos fazer rodas de conversa intermináveis, depois de comer, tá? Jorge, não há problema, já chegará o dia em que cada um fará o que gosta mais no seu lugar preferido, não achas? Por favor, não mandem mais boatos sobre nossos futuros *lares*, porque posso morrer do coração. Já pensávamos que íamos passar mais um mês em "Ingenieros". Estávamos até resignadas. Aqui inclusive a comida é melhor. Pena que não possa estudar, porque não deixam ter nem lápis, nem papel no calabouço. Gostaria de ter tirado apontamentos de Lefébvre porque não acho que este livro tenha conseguido sobreviver em Punta. Despeço-me com um milhão de beijos. Estão-me apressando e fico nervosa. Tchau!

Flávia.

12/9/73

Querida família.

E aqui estamos, matando pacientemente o tempo que voa e — o que é triste — não deixa lá grande quantidade de melhoras no nosso edifício mental. Passo às coisas pequenas: semana que vem não me mandem queijo porque tenho muitíssimo, ainda. Tampouco papel higiênico, nem desodorante ou sabão, até que eu peça. Não mandem doce nem bolachas todas as semanas, porque não é necessário: vou terminar ficando muito gorda. Aqui se come com ou sem fome, por vício. Muito bom o livro de Reyna Reyes (li em três horas, agarrei e não pude largar). Não é doberman, Cláudia, é dinamarquês.⁽⁵³⁾ Vai uma criança minha, produto de ter completado nove meses aqui, e para variar é uma menina, e seu nome é Jacinta. Se Jorge quiser, que

dê para sua mãe, mas se não gostar é para a Cláudia. Na semana que vem mando um porta-óculos e um porta-moedas com linhagem bordada. Assim podem escolher. Vou esperar um pouco para escrever à Jaci (...) (54). O presente do papai é para que não deixe soltos os papéis de sua mesa. Podes pôr uma pasta dentro (é um forro) e coloca aí todas as coisas que tiveres. O presente de mamãe vai na próxima semana, mas já está pronto, porque cáí na angústia de não poder terminá-lo a tempo e apressei. As revistas tiveram êxito e se têm mandem alguma *7 Dias* ou *Manchete*, para variar um pouco. Tanto Cristina como eu andamos muito dispersivas. Deve ser porque é chato ler e não ter ninguém com quem comentar. A toalha de mesa, esqueci de dizer, ainda deve ser enfeitada com franjas nas pontas, porque não tive lâ suficiente. Talvez esteja ruim da cabeça, mas não entendi o romance de Hemingway. Me parecia estar lendo Cortázar, que a gente lê todo e não consegue encontrar nenhum significado. Genial a última carta de vocês. Não fazes idéia, minha mãe, como eu também gostaria de estar com vocês. Só que vão ter que me agüentar porque vou estar insuportavelmente dengosa e mal-criada. Já chegará o dia em que isso aconteça e vamos nos desferrar de todo o tempo que perdemos, não? Valéria, não deixe muito abandonado o "Suárez" porque foi o meu, ginásio, tá? E deixa que ele continue "como sempre" mesmo, que assim está ótimo! Morro de curiosidade pelas fofocas da senhorita Andréa. Descobri que "Andréa" quer dizer valentia ou fortaleza, em grego. Que achas, Andréa? Semana que vem vai uma bolsa de linhagem, que vocês podem usar como bem entenderem. Valéria, já comecei a fazer uma séria autocrítica por me comportar como irmã mais velha contigo. Justamente uma das coisas que eu mais valorizo na educação que nos deram nossos pais é a liberdade de ação, que nos permitiu a cada um seguir as necessidades da sua personalidade. Bom, terminei. Muitos beijos.

Flávia.

(53) *Flávia esclarece sua irmã sobre a raça dos cachorros que integram o aparelho de terror existente nos quartéis uruguaios. Eles são especialmente treinados para atacar os presos. Nas visitas, em vários quartéis, as conversas de Flávia com sua família eram assistidas por dois soldados com metralhadoras portáteis que, postados a dois metros de distância, mantinham em posição de vigilância dois cães dinamarqueses. No Sexto Regimento de Cavalaria, os cachorros foram lançados contra Flávia, por ordem do comandante, coronel Arregui. Flávia sofreu várias mordidas e passou por momentos de grande terror.*

(54) *Censurado*

19 DE SETEMBRO/73

Querida família.

E aqui estou, estreando um novo lar uma semana antes da data prevista. Cheguei na noite passada, sozinha, porque me separaram da minha irmãzinha Cristina. Aqui estou com minha companheira do B, Alba. Ainda bem que tenho pais que se ocupam de mim, porque aqui faz um frio terrível e de

noite goteja umidade do teto. Mas felizmente temos duas horas de recreio por dia. As visitas são aos domingos. É preciso perguntar quando é a vez de vocês. Imaginem o que seria de mim a esta altura, se tivesse mandado a roupa de inverno como quis. Acho que hoje não mando pacotes porque não me entregaram ainda nem os livros, nem os trabalhos manuais. Espero uma semana para mandar um pacote cheio de coisas bonitas, tá? Achei que vocês estavam ótimos na última visita, todos muito bonitos e a Andréa toda linda com suas calças escocesas e a japona de Buenos Aires. Cresceu como louca. Já é toda uma dama. Mas estava muito séria. O que aconteceu? Não gostaste de me ver com as algemas?(55) Tu sabes que nada disso nos atinge e que na verdade somos mais livres do que a maioria das pessoas, porque estamos livres da maioria das correntes que asfixiam o homem, e fizemos tudo o que nos ditou o coração. Cada vez que vejo a gata Valéria, fico com a boca aberta e me lembro da "gorda barriguda", como a chamava Andréa, venenosa nas suas brigas. Parece que é a desforra da Valéria. Que disco deste para o Juan, e por que mamãe não queria deixar que lhe desse um presente? A última carta de vocês chegou bastante bem, com só uma frase riscada. Não sei o que aconteceu. Em compensação, demoraram 4 dias para entregar. Que falta de hábito de leitura, hein? Espero que possam continuar indo a Buenos Aires, que na verdade deve ser bem movimentada e interessante. Da próxima vez, reivindicando uma japona para mim também, porque não tenho roupa forte de inverno. Ficou tudo aí, pelos quartéis... e o ponche e o casaco azul são emprestados. Podem mandar um lenço para a cabeça? Esqueci o meu em Punta Rieles. Receberam a boneca? Dia nove passado o Magro fez 27 anos. Pena que não pudemos desejar-lhe feliz aniversário, porque além de estarmos incomunicáveis, tenho certeza de que não foi um dia feliz para ele. Daqui a uns dias fazemos 10 meses de cana. Em pouco tempo, um ano. Como passa o tempo. Semana que vem, vou pedir que me dêem duas folhas e escrever uma para vocês e uma para a Jaci. Chega antes de 4 de outubro. Estou desejando saber como anda a baixinha Vilma. Imagino que bastante desanimada com todos os problemas que tem, e sem contar com nenhum "refúgio espiritual". Não sabem se cortaram o cabelo das meninas de Punta? Parece haver cada loucura por lá... Cristina deve estar furiosa, porque vai ter que agüentar outro mês em "Ingenieros". Lá é muito ruim. Agora ela está no lugar de Jessie. Mandem quatro argolas de madeira marrom para fazer uma bolsa em crochê (4 ou 5 cm). Consigam um cordão mais ou menos grosso que achem bem bonito. Eu tenho fio, mas é fino demais. Acho que o cordão não seria caro demais. Se é caro, o fio também serve e fica com uma cor muito bonita. Não mandem revistas para cá, porque é muito provável que não passem. Guardem tudo para quando estiver no "Florida". Bem, hoje não estou muito inspirada e peço desculpas por não aproveitar melhor o espaço que nos deram para escrever. O que acontece é que não quero divagar porque tenho medo de me soltar demais, e como a minha vida não é, digamos, muito movimentada, não tenho lá grandes novidades para contar. Muitos beijos e abraços fortíssimos.

Flávia.

P.S. Fita durex e um antialérgico, porque estou espirrando muito. Tchaul! Visita: neste domingo, das 15 às 16 h. Podem vir *todos*. Andréa também.

(55) *Em alguns quartéis Flávia vinha algemada para as visitas. Uma forma adicional de tortura e intimidação.*

Feliz aniversário!! Viste que precisão, mãe? Justamente hoje vou poder mandar meu presente, que *para variar* não saiu como eu queria, mas foi feito com o coração, e junto com ele vão beijos e abraços especiais para ti. Desculpa se não saiu muito bem-cuidado. Não tinha nem uma boa tesoura, nem lápis, nem régua, nem mesa para apoiar o couro direito. Quarenta e quatro, não? Plena juventude! O casaco da Cristina é para lavar e se continua fazendo frio me mandem de novo porque é muito bom. Ainda não pude falar com o capitão sobre a visita do Jorge. O que aconteceu na vez passada para que nos dessem só vinte minutos? A verdade é que fiquei furiosa pensando no que tiveram que gastar e no que se cansaram para chegar até aqui e só ter estes minutos que não adiantaram nada. Isso não quer dizer que trinta minutos seja muito mais, mas, pelo menos, se o regulamento diz trinta minutos de visitas a cada 15 dias, que sejam trinta. Para mim, só vê-los, ainda que seja de longe, já me dá uma alegria bárbara, mas mesmo assim 10 minutos com os seres que se ama — quando já se está com 10 meses de prisão e é preciso agüentar uma monotonia de 24 horas em um calabouço — são um tesouro. Gostei da revista, é bastante objetiva. Tudo o que está acontecendo lá é só mais uma página da história da nossa América, uma página escrita por aqueles que querem desviar e travar as mudanças que — como são necessárias — já virão. Valéria estava calada e pensativa na visita. O que foi, tchê? E não se escuta a tua voz. É certo que em tão pouco tempo não é possível conversar e criar um clima propício para se abrir pessoalmente e contar as preocupações, mas já fico contente com a superfície que me dão os olhos e a atitude de vocês, para depois ficar remoendo sobre o que foi que houve, o que terão que estão preocupados... Papai estava muito sério, calado, triste. Então começo a pensar: será cansaço? Se sente mal? Problemas? Está brabo? Ou amargurado? E, naturalmente, nunca chego à conclusão alguma. Só posso me perguntar por que estaria amargurado meu pai se ele sempre fez o que lhe ditou seu ideal, se sempre foi honesto e, claro, com erros como todos, pôs o seu grão de areia, ou o seu tijolo, melhor, no edifício do novo mundo? Talvez estivesse triste com a “ilusão que veio águas abaixo”, mas nós não podemos viver de ilusões, nós temos que gostar de viver na realidade ainda que seja feia e triste, e temos que aprender a esperar, porque as coisas não se fazem de um dia para o outro e a questão é não deixar que o “motorzinho” que temos aqui dentro (que os cristãos chamam de fé) se apague nem por um momento. Não? Mamãe que se cuide mais, está muito magra. Vamos ver se Cláudia consegue que coma um pouco mais. Parece que de toda a família sou a única que está engordando. Que barbaridade! A franguinha, como sempre, perdeu a língua pelo caminho: parece que só vou poder conversar bastante com ela quando voltar à Punta. Além disso quero que Andréa diga o que pensa do namorado da irmã. Que fofoca! E uma pergunta para Cláudia e Jorge: quando vem o meu sobrinho? Pelo jeito eu ainda vou ganhar de vocês... Parabéns, Valéria, pelas notas. Cláudia, e a Faculdade? Pensem na possibilidade de que eu faça coisas para vender e ganhe assim o meu pão de cada dia (ou melhor, o pacote de cada semana), tá? E vão juntando dinheiro para quando eu sair, porque vou me alimentar exclusivamente de sorvete, cremes e doces, certo? Tchau!!!

Fla.

Oi!

Hoje devem estar notando a falta das costumeiras “obras de arte”. Acontece que este mês estou pretendendo fazer uma produção de alto nível. Por que será isso?

Recebi tudo, na semana passada, mas o capitão disse que não devem mandar comidas que possam estragar, porque às vezes demoram a entregar o pacote e posso ir parar no hospital.

Pelas coisas que Cláudia mandou, deduzo que Jorge não pode se queixar da sua mulher e que deve estar gordíssimo. E se é certo aquele ditado que diz que quem tem o estômago cheio é feliz, deve estar muito feliz. Ou me engano? Minha *mader*, como sempre, genial! Eu queria o cordão para fazer uma bolsa, que já está pela metade, e pensei no cordão, porque achei que seria mais barato que o fio “cometa”. Procuraram em armarinhos? Se não encontrarem, vão a uma padaria e perguntem onde comprar o cordão. Junto vai uma amostra de lã. Estou tecendo um pulôver em crochê. Vai ficar genial. Digam o preço da lã para que eu tenha uma idéia de quanto vou gastar. Serão 6 novelos. Vou precisar de mais três — um de cada cor — para terminar. Digam a esta doçura em forma de pessoa, Vilma, que mando uma porção de beijos; e o resto, isto é, que siga firme, forte, dando o mesmo carinho a todos, nem é preciso dizer, porque tem de sobra, para dar e vender. Gostei do livro de Galeano, mas tive um pouco de raiva ao ver este pequenoburguês radicalizado, que nunca se arriscou em nada, escrevendo novelas e contos sobre guerrilheiros, presos e torturados. O que pode saber ele de tudo isso? Já imagino como se devem sentir os índios, os *gangster*, etc, quando gente que nunca foi nem uma coisa nem outra começa a escrever sobre eles. Se cai muito facilmente numa superficialidade e num romantismo completamente fora de lugar. É por isso que o livro de Fucik tem tanto valor: é tudo verdade, e a gente se sente identificado com tudo o que ele põe. O que pode saber ou entender Galeano sobre o medo antes de uma ação? Ou as reações diante de um encontro com a cana?⁽⁵⁶⁾ Não sei se Jorge pode vir. Disseram que só familiares diretos. Que má sorte, hein? E aqui estamos sofrendo com a primavera. Incrível como já pesam os meses de calabouço. O primeiro mês não é nada; no segundo a gente começa a se perguntar, “afinal, até quando?”; no terceiro se torce o nariz, e no quarto, há dias em que não se consegue suportar o calabouço e se suspira a cada 15 minutos e é assim que começa a loucura. A rotina é algo esmagador. Morro de riso quando lembro o que dizíamos eu e a negra Alba, lá em Punta; queríamos (de brincadeira, claro) ainda que fosse por um dia, poder entrar em crise como qualquer outra, fazer idiotices todo o dia, e que nos levassem tudo na cama, e não falar, nem pensar em política e problemas, nada. Isso porque lá sempre tudo foi muito movimentado e tínhamos a desgraça de ter cartaz (ou seja, a fama de ser meio *quadro* ou coisa parecida), o que nos obrigava a nos comportar, a pensar no que dizíamos, a não dar mancadas. Algum dia vou contar tudo isso para vocês. É de morrer de riso. E aqui, que temos todo o tempo do mundo para não fazer nada, nos desesperamos querendo ter alguma coisa em que pensar e temos que ser fortes para não nos deixar levar pela saudade de sentir “o canto dos pássaros e o murmúrio dos ventos nas árvores”... Me lembro daquela frase, “lição de cadeia fica, e cadeia deixa mancha”, e já me imagino — se algum dia sair daqui — odiando viver entre quatro paredes, adorando o campo, o mar, a multidão, a indisciplina, a Coca-Cola e o sor-

vete, as saias, a música, as flores; e odiando os gritos, o rufar dos tambores, a cor cinzenta, o arroz-com-batata. Gostaria de poder escrever uma carta de 15 folhas, ainda que ninguém a lesse; e de ter segredos outra vez, tomar banho três vezes por dia, e muitas outras coisas. Papai, sabes, tua carta me emocionou muito. Oh!... Não me saí a palavra, que me fizeste, só posso receber como um desafio para me portar bem, para continuar inteira até o fim, e vou tentar continuar merecendo o carinho que vocês me têm, tá? Já vi que a Andréa está competindo com a Marina. Não sabes que não se estuda pelas notas mas para saber mais? Se já leste "Carta a uma professora" já deves saber disso. Quero que a Valéria me conte mais sobre Juan porque pode chegar a ser meu cunhado, não? Como está o ginásio, que tal a tua aula, teus professores? Continuam indo ao *Juventus*? Achei a Andréa muito magrinha. Bem, termino por aqui. O que não tem sentido mesmo é mamãe fazer regime. Não sabes que te prefiro gordinha? E os dois não me venham com, história de que são veteranos, porque estão na metade da vida, hein? Se estivéssemos no século passado, a idade de vocês corresponderia a 24 e 28 anos, não? Umas crianças!!

Tchau!

Flávia.

Ah, preciso de um pacote de algodão. NADA MAIS!!!

*(56) Flávia se refere ao livro de contos "Vagamundo", de Eduardo Galeano, e especialmente a uma narrativa onde se descreve a relação torturado-torturador. Considerando que Galeano esteve preso somente uma semana e não foi sequer interrogado (os militares tinham um conceito muito parecido ao dos militantes sobre os intelectuais de esquerda), o seu relato ficou falso e artificial. A raiva de Flávia, muito generalizada entre os presos e extensiva à quase totalidade dos intelectuais uruguaios, não é gratuita. Inicialmente houve uma verdadeira moda: muitos intelectuais "vestiram a camiseta" do MLN, empurrando inclusive os **muchachos** à ação armada. Quando o panorama se complicou, mudaram de posição e saíram do País (com poucas exceções).*

10/10/73

Oi!

Hoje chove tanto que é até agradável estar em cana. Vai junto um presente para Cláudia, vamos ver se tem coragem de usá-la. Mãe, gostei de desfazer o casaco marrom. Vou tentar fazê-lo em crochê, porque a verdade é que chegou a hora do "salto qualitativo" neste assunto e não posso passar a *life* fazendo almofadas e mantas. Além disso, como vai dar trabalho, pode ser que passe várias semanas sem incomodá-los com pedidos de material. Manda a lã lavada, e se encontrares em alguma revista um modelo de casaco em crochê, manda também. Se não, vou tentar assim mesmo. Vocês armaram uma grave confusão com as coisas que mandei para a Jaci. Como foram dar para ela a fronha com flores, se foi feita assim de improviso, e ficou meio sem-graça? Estão querendo me desprestigiar? Hein? O porta-óculos, e o

porta-moedas e a boneca, sim, eram para dar. Sabe, Jorge, não é difícil conseguir comida e alojamento grátis neste país. A desvantagem é que aqui não se pode ver o mar, nunca. Que chato que tenham que sair de lá. E agora é muito pior, porque já têm pelo menos dois cachorros e um gato, não? Eu sonhei, ou será verdade que agora têm um papagaio em casa? Te lembras, mamãe, destes que tu gostas. Valéria me escreveu muito braba na última vez. O que tens que fazer é escrever tudo o que tenhas vontade de dizer quando estiveres assim. Ou então, antes de começar a escrever, procuras a Andréa e lhe dás uma porção de beliscões (ela vai ter que agüentar, porque é menor), e assim tu desabafas. Vale a sugestão? Meu pai, a verdade é que é demais para mim o que disseste que vais pôr no teu livro. Sempre tive que carregar com rótulos muito grandes, para mim, e mais de uma vez se não falhei foi porque as circunstâncias não foram duras demais. Uns meses atrás descobri o que é “ter cartaz”, e posso assegurar que é horrível, porque (...) (57).

(57) Censurado drasticamente. A carta havia sido rasgada pela metade.

24 DE OUTUBRO DE 1973

Duas datas importantes: ontem a ratinha já começou os seus 12 anos e hoje completo meus 11 (11!!) meses de cana. Nunca vou deixar de me assombrar com este fenómeno estranho e que o homem não consegue dominar que é o tempo. Cláudia, me enganei contigo, já te estava envelhecendo em um ano. Tinha certeza de que já andavas pelos 24. Que vergonha! Já devem ter notado que a minha letra hoje está estranha. Acontece que tenho uma infecção num dente. O rosto e parte do pescoço estão redondos como uma bola de futebol. Meu aspecto me faz lembrar de quando, numa tarde de domingo no Hospital Militar, me olhei no espelho pela primeira vez depois da operação. Estava com o pescoço e com o rosto como agora, inflamadíssimos. A primeira coisa que pensei foi pedir desculpas mentalmente a Sendic (58) porque quando eu e o Magro olhamos as fotos dele, logo depois de operado no hospital, comentamos que estava um velho gordo. Não era gordura: era traqueotomia, mesmo. Bem, voltando ao tema, minha letra sai horrível porque estou um pouco tonta e dormi mal na noite passada. Pai, para que eu não fique tão mal com o coitado do Eduardo Hughes Galeano, fala para ele que “Guatemala, país ocupado”, “Los fantasmas del día del león”, e “Las Venas Abiertas de América Latina” são três livros excelentes, na minha opinião, e que qualquer um deles pode ser considerado genial. Hoje de manhã tivemos uma banda. Gostei: é alegre e me lembra o disco de Fuzileiros Navais que tínhamos em casa. Acho que tocam as mesmas músicas. Junto vai a blusa que inventei. Foi um verdadeiro parto com dor, porque não tinha mais lã marrom nem cordão. Por isso a parte de trás não está muito bem-acabada. Experimentem e, se gostarem e quiserem, posso fazer um montão. As próximas, naturalmente, vão sair mais aperfeiçoadas. Gastei dois novelos e meio de lã e uma terça parte do rolo de fio que tinham mandado. Vocês me dizem se querem a blusa mais comprida, quantos centímetros, ou mais larga, ou o decote diferente, etc. Mais tarde vou pedir de volta essa que estou mandando agora para usá-la. O

Olhem que se não fico braba. Vocês precisavam me ver na semana passada, deitada, lendo um romance e comendo bombons. Que imagem para uma guerrilheira, hein? Meu pai, devo dizer-te que tu — mas isso é válido também para todas as mulheres — estas me mimando demais. Estão avisados. Mais tarde, quando tiverem que me agüentar mais seguido, *jódanse*. Outro dia quase fiquei louca no recreio, que em vez de ser uma meia hora para descarregar a tensão acumulada, é exatamente o contrário; a gente se sente mais presa do que nunca. É um contraste violento: um campo vastíssimo, um céu limpo, e a gente que não pode caminhar para lá de certa marca com dois fuzis à vista. E, além disso, esta incomunicação já é um exagero: ninguém agüenta tanto tempo sem conversar (o que é diferente de falar) com ninguém. O meu consolo é que Blanqui esteve preso 36 anos.⁽⁶¹⁾ É preciso ter uns... que nem te conto! E pensar que nós reclamamos e não agüentamos muito menos que isso. Não quer dizer que devemos aceitar caladas e tranqüilas qualquer lapso de tempo nesta situação, mas este é um bom exemplo para se ter presente. Parabéns pela idéia dos pomelos.⁽⁶²⁾ Ah, está terminando o xampu. Andréa, não pude entender o que me dizias na última carta, da qual só recebi um pedaço. Diz de novo. Valéria me deixou nervosíssima pelo “mais importante” que não podia pôr na carta. Morro de vontade de vê-la de cabelo curto. Que confusão a do Carlos! O que acontece é que está numa idade horrível para um homem. Não é nem uma coisa nem outra, e ainda não sabe o que quer, não? É preciso ter muita paciência. Gostei dos nomes dos sobrinhos. Não gostei de Vanessa porque é redundante com o sobrenome. O nome que estava na moda para tupamaras recém-nascidas era Micaela, pela esposa do Tupac Amaru. Devo dizer também que Diego e Maurício (justamente estes nomes, dos dois companheiros que tive) deveriam ser os nomes dos *meus filhos*, que poderão demorar, mas chegarão, certo? Muitos beijos — tchau!

Flávia.

P.S. Não encontrei nenhuma poesia de Neruda.

(59) *Mafalda e seus companheiros, criados pelo lápis de Quino, o grande humorista argentino, faziam parte da paisagem humana rioplatense.*

(60) *Revistas femininas.* (N.T.)

(61) *Auguste Blanqui (1805 — 1881); Socialista francês, partidário da insurreição e um dos líderes da revolução de 1848.* (N.T.)

(62) *Fruta uruguaia, semelhante à laranja.* (N.T.)



O martírio de uma
brasileira nos cárceres
do Uruguai

Há seis anos praticamente
incomunicável, Flávia Schilling
fazem nas cartas que conseguiu
quase o único meio de família
com o mundo exterior.
Elas revelam todo o
seu drama.